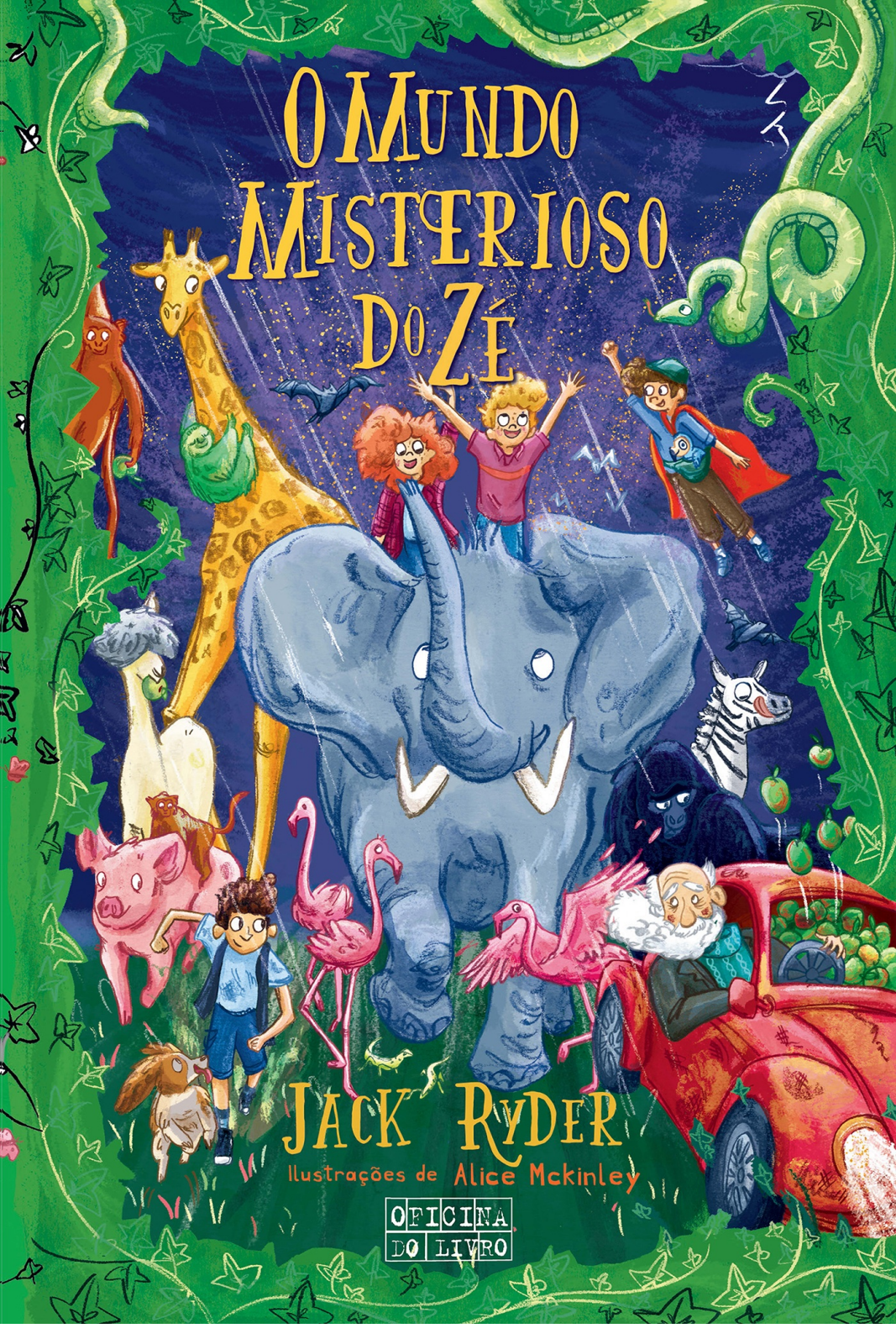


O MUNDO MISTERIOSO DO ZÉ



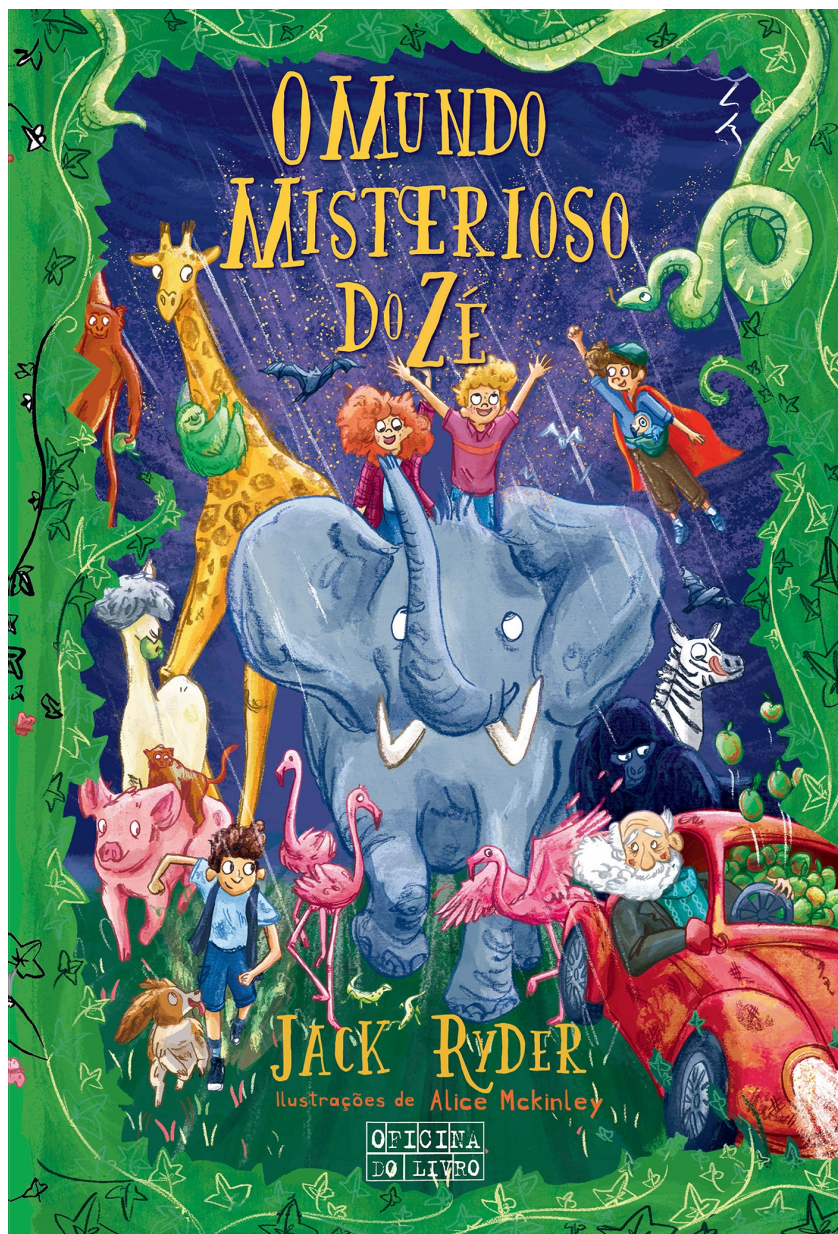
JACK RYDER

Ilustrações de Alice McKinley

OFICINA
DO LIVRO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



Ficha Técnica

Título: O Mundo Misterioso do Zé

Título original: Jack's Secret World

Autor: Jack Ryder

Tradução: Susana Ferreira Cardoso

Revisão: Oficina do Livro

Adaptação da capa por Alexandra Costa/Leya S.A.

ISBN: 9789896609931

Oficina do Livro

uma chancela LeYa, S.A.

Rua Cidade de Córdova, n.º 2

2610-038 Alfragide – Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

Texto copyright © Jack Ryder, 2021

Ilustrações copyright © Alice McKinley, 2021

Publicado inicialmente por

Hodder and Stoughton Limited, 2021

Copyright desta edição: Oficina do Livro, 2021

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.leya.pt

Índice

Capa

Ficha Técnica

PRÓLOGO

ESTRELAS DIURNAS

O RIO

O AVÔ

O OVO

DE VOLTA A CASA

PAI E FILHO

UM ESPETÁCULO DE ARROMBA!

O PLANO DO AVÔ!

O MAPA!

O POMAR SECRETO

O FRASCO MÁGICO

UM NOVO PODER!

LADRÃO DE CHAVES!

VIAGEM NOTURNA!

A EVASÃO!

APANHADOS

JUMBO!

O CORTEJO DOS ANIMAIS

A FÚRIA DO SR. BROOM

A VERDADE

DESPEDIDAS

BOLO DA MANHÃ

O MUNDO MISTERIOSO DO ZÉ

JACK RYDER

Para Ella e Marnie



PRÓLOGO

Um segredo pode ser algo muito poderoso... Se calhar, até já ouviram algum... Contado por um dos vossos avós, por exemplo. Ou que alguém vos sussurrou no recreio da escola.

Tal como muitas coisas no mundo, há segredos de todos os tamanhos e feitios. Alguns são grandes, outros pequenos. Alguns são cinzentos e sombrios, enquanto outros cintilam com cores garridas. Alguns são engraçados, outros escondem verdades curiosas e outros são tão malucos e ridículos que não têm pés nem cabeça!

Como já devem ter percebido, a maioria dos segredos não fica em segredo durante muito tempo. Muitas vezes, começam por ser bichanados a uma pessoa, depois a outra e a mais outra e, num abrir e fechar de olhos, toda a cidade anda a coscuvilhar sobre o assunto e já ninguém se lembra de que antes era um segredo!

Agora, cheguem-se mais perto porque tenho uma coisa muito importante para vos contar...

Alguns segredos são especiais. Porque *alguns* segredos são *mágicos* e, se prestarem muita atenção, talvez encontrem um desses entre as páginas deste livro. Resta saber quanto tempo é que o rapaz que o descobriu vai conseguir guardá-lo...



ESTRELAS DIURNAS

O Zé fechou os olhos bem fechados ao atravessar, com o Bruno, o Raul e a *Dóris*, a parede da velha casa abandonada em direção à luz radiosa e tremeluzente de um outro mundo.

Por mais divertido que pareça, não aconselho ninguém a tentar isto em casa. A maioria das paredes não funciona assim. A única coisa que vão conseguir fazer é bater com a cabeça. Mas, como provavelmente já adivinharam, esta não era uma casa qualquer, nem o verão que levaria àquele momento fora um verão qualquer. Tinha sido um verão recheado de diversão, aventura e *magia*.

A diversão começara quando o Zé, os seus novos vizinhos, o Bruno e o Raul Buckley, e a *Dóris*, a cadela dos irmãos, decidiram explorar uma velha casa abandonada, coberta de hera, que em tempos pertencera ao avô do Zé. Lá dentro, encontraram uma rapariga meio estranha, que perdera a memória e andava à procura do pai. Essa tal rapariga chamava-se Flor, e os rapazes aceitaram ajudá-la. Os quatro formaram, então, um bando secreto e arregaçaram as mangas para desvendarem o mistério de quem era a Flor e para onde fora o seu pai.

Iniciaram a investigação procurando pistas na velha casa e depressa descobriram que estava cheia de magia, deixada pelo pai da rapariga. Havia poções mágicas guardadas em frascos de vidro e, quando os abriram, aconteceram coisas estranhas... O Raul descobriu que podia voar como um falcão. O Bruno corria como uma chita. E, para sua grande alegria, o Zé e a Flor conseguiam falar com os animais.

Mas o mais empolgante de tudo foi descobrir que a hera que revestia a casa, tanto por dentro como por fora, era ela própria mágica. Quando se abateu sobre a vila uma grande tempestade e a chuva regou a hera, surgiu, numa das paredes cobertas pela trepadeira, um portal para outro mundo.

Fora exatamente esse portal que a Flor atravessara umas horas antes, em busca do pai. Era também através dele que o Zé, o Bruno, o Raul e a *Dóris* passavam agora, no seu enalço. O Zé não podia abandonar a Flor. Prometera ajudá-la a

encontrar o pai. E, bom, havia uma razão ainda mais importante para não lhe perder o rasto; uma razão secreta que só o Zé conhecia. Mas já voltamos a esse assunto. Agora, é melhor atravessarmos também o portal.

Mantendo os olhos fechados, o Zé deu mais um passo e parou. A tempestade que fustigava a casa de onde vinham cessou de repente. O ribombar dos trovões e os uivos do vento esmoreceram, dando lugar a uma vasta quietude.

O chão sob os seus pés tornara-se macio como... relva. E seria o calor de um suave raio de sol o que sentia no rosto?

Devagar, devagarinho, atreveu-se a abrir os olhos e qual não foi a sua surpresa quando se viu rodeado por um mundo de vegetação!

Campos verdejantes estendiam-se a perder de vista pontilhados de flores amarelas iguaizinhas às que cresciam dentro da velha casa abandonada, e acima deles revelou-se a mais extraordinária das visões: um céu imenso pintado com as cores do arco-íris e pejado de estrelas – embora o dia ainda fosse a meio!

Nesse instante, um enxame de abelhas passou a voar, cantarolando:

*

*Adoramos um dia ensolarado,
Cantamos porque é engraçado,
E vamos em busca de mel,
Que será o nosso farnel.*

*

– Ouviram aquilo? – perguntou o Zé aos Buckley.

– O quê? – respondeu o Raul.

«Ainda deve ser a magia», pensou o Zé. Agora que entendia o que elas diziam, perguntava-se se seria costume as abelhas cantarem assim. Viu-as voar até uma pequena árvore, no meio do prado. Os enormes frutos que pendiam dos seus ramos e as cores gloriosas do céu em volta faziam-na cintilar como uma árvore de Natal.

– Alperces! – ladrou a Dóris.

O Zé olhou para baixo, para a cadela do Bruno e do Raul, que se roçava nas suas pernas, com a cauda a abanar.

– Vês? Não disse que eram alperces?! –ladrou a cadela, novamente, antes de largar a correr atrás das abelhas.

– Anda, Zé! – chamou o Raul, acenando-lhe, junto à árvore.

Entretanto, o Bruno já estava a trepá-la, esticando-se para arrancar um dos reluzentes alperces.

– São deliciosos! – gritou, sentado num ramo, a comer alegremente, com as bochechas tão cheias que parecia um hamster. Atirou um alperce ao Zé.

– Ei, e o meu? – reclamou o Raul.

O Zé ofereceu-lhe um pedaço do seu alperce, mas o Bruno dispensou-o com um aceno e começou a elevar-se no ar. Embora o Zé já o tivesse visto fazer aquela façanha algumas vezes, não deixou de se espantar.

O Raul voou até à copa da árvore, arrancou um alperce suculento e deu-lhe uma grande trinca.

– *Mmm* que docinho! – disse, entre dentadas. – Zé, anda daí! – chamou, lá do alto.

O Zé trepou ao encontro dos irmãos Buckley e empoleiraram-se os três num dos ramos mais grossos, deliciando-se com os frutos enquanto contemplavam a vista ao redor. Ficaram estupefactos ao verem estrelas cadentes deslizarem silenciosamente sobre as suas cabeças.

– Que tipo de sítio tem estrelas durante o dia? – matutou o Raul, de olhos semicerrados, observando o esplendoroso céu.

– Acho isto espetacular! – disse o Bruno, erguendo a cabeça, fascinado. – Parece que estamos noutra galáxia!

Do cimo da árvore, via-se, para lá do prado, um vale por onde corria um rio de águas azuis cristalinas marginado por árvores e mais árvores carregadas de flores cor-de-rosa. Para lá do vale, repousando pacificamente no horizonte, o Zé conseguia ver uma cascata espetacular. Um fio de água cintilante despenhava-se do alto e explodia ao atingir o fundo, levantando uma névoa com as cores do arco-íris.

Ele sabia que estava acordado, mas sentia-se, em parte, no meio de um sonho misterioso.

– Achas que vamos conseguir voltar? – perguntou o Bruno, espreitando por cima do ombro em direção à cortina tremeluzente de hera.

– Voltar? – perguntou, de supetão, o Raul, com a boca cheia de alperce. – Para quê? Este sítio é incrível!

O Bruno suspirou e virou-se para o Zé, na esperança de obter uma resposta mais inteligente.

O amigo refletiu por uns instantes.

– Primeiro, precisamos de encontrar a Flor – disse. – Depois, logo tentamos descobrir uma maneira de voltarmos para casa.

– Como é que vamos encontrá-la? – perguntou o Bruno. – Ela pode estar em qualquer lugar.

O Zé olhou para longe. Não sabia por onde começar. A Flor podia ter seguido em inúmeras direções, em busca do pai.

– Devíamos separar-nos – concluiu, por fim. – Assim, teremos mais hipóteses de a encontrar.

– Boa ideia, Zé-Barnabé – concordou o Bruno. – Eu consigo percorrer estes campos a mil à hora e cobrir um montão de terreno.

– E eu posso sobrevoar o outro lado do vale – acrescentou o Raul.

– Combinado – disse o Zé. – Eu sigo pela margem do rio, com a *Dóris*. Talvez ela consiga apanhar o rasto da Flor.

A *Dóris* pôs-se aos pulos, com as patas dianteiras encostadas ao tronco da árvore, e ladrou, empolgada.

– Estou pronta! – disse. – Vamos!

– Mas precisamos de ser prudentes – lembrou o Zé. – Ainda não sabemos que lugar é este.

Houve uma breve pausa.

– Como assim? – perguntou-lhe o Bruno.

– Bom, por mais que tudo pareça fantástico, a verdade é que não sabemos nada sobre este mundo. Nem sequer fazemos ideia do que aqui vive...

O Bruno inclinou-se na direção do Zé, com uma expressão muito séria.

– Estás a falar de leões e assim?

O Zé sentiu um arrepio frio na nuca.

– Sim, possivelmente... – respondeu.

– Uau, fantástico...! – exclamou o Raul, apanhando outro alperce. – Ninguém me avisou que íamos ser devorados por leões! Não foi para isso que vim!

– Claro que *tu* não vais ser devorado – disse o Bruno, erguendo a voz. – Tu voas! A única coisa que precisas de fazer é sair disparado para o céu e pronto: nada te consegue tocar.

– Pois é – reconheceu o Raul, mais animado. – Então e tu?

– Eu escapo-me à velocidade de uma chita! – respondeu o Bruno, cruzando os braços, confiante. – As chitas são mais velozes do que os leões, por isso se eles vierem atrás de mim não me apanham!

– E eu? – perguntou o Zé, um tanto receoso.

– Tu vais ter de usar a tua lábia para te safares – riu-se o Bruno.

– Iá, boa sorte! – disse o Raul, dando-lhe uma palmadinha nas costas. – O último a voltar a esta árvore, é um ovo podre! – gritou o Bruno.

E os Buckley desapareceram, deixando o Zé e a *Dóris* sozinhos.



O RIO

Quando o Zé desceu da árvore, já a *Dóris* corria em direção ao rio. Ele seguiu-a, mas não se apressou. Tinha a cabeça a fervilhar com perguntas e aqueles momentos sozinho davam-lhe a oportunidade de pensar em tudo o que acontecera.

Pouco antes de atravessar o portal em busca da Flor, descobrira um segredo. Ainda não contara nada ao Bruno e ao Raul, porque não sabia se os amigos acreditariam nele. Era uma coisa demasiado maluca. Mas, por mais maluca que parecesse, o certo é que era verdade. O pai desaparecido da Flor era, nem mais nem menos, que o avô do Zé. E isso só podia significar uma coisa: que a sua nova amiga era a sua mãe. A mãe tinha desaparecido quando ele ainda era pequenino e ninguém sabia para onde fora. O rapaz estava agora convencido de que alguma da magia doida do seu avô a transformara – sabe-se lá como – numa criança e a fizera perder a memória. A sua única esperança de ter a mãe de volta era encontrar o avô... mas onde o deveria procurar?

O Zé seguiu a cauda a abanar da *Dóris* até à margem e acabou por alcançá-la. Juntos, foram ziguezagueando, à beira-rio, por entre as árvores de flores cor-de-rosa. Tudo ao seu redor parecia imaculado e intocado. À sua frente, o Zé vislumbrava o rio a correr em direção a uma pequena ponte.

– Não te afastes, *Dóris* – disse à cadelita, enquanto examinava as árvores.

Quando ia abrir de novo a boca para falar, uma nuvem de borboletas cor de laranja atravessou o rio a esvoaçar. Deviam ser para cima de mil. De repente, detiveram-se, pairando mesmo à sua frente. O Zé observou-as, maravilhado.

– Olá! – disse uma delas, numa voz fininha.

Esboçou um sorriso nervoso.

– Parece que perdeste alguma coisa – declarou outra vozinha, na multidão esvoaçante.

– Andamos à procura de uma menina – disse o Zé. – Não a viram, por acaso?

– Infelizmente, não – respondeu, num guinchinho, outra borboleta. – Mas acabámos de sobrevoar uma cabana, na floresta.

– Uma cabana? – perguntou o Zé. – Onde?

As borboletas começaram a enxamear em torno umas das outras, formando uma enorme seta que apontava para o outro lado do rio, mais precisamente para a floresta de onde tinham voado.

Ao olhar na direção indicada, o Zé reparou num fio de fumo que subia por entre as copas das árvores.

– Obrigado pela vossa ajuda! – agradeceu.

– Ainda bem que pudemos ser úteis – disse mais uma vozinha. – Agora temos de ir. Hoje é dia de migrarmos para a montanha do sul e não podemos falhar a nossa missão.

– Compreendo perfeitamente – afirmou o Zé, acenando com a cabeça às suas novas amigas.

Quando as borboletas se afastaram, apressadas, o Zé e a *Dóris* retomaram o caminho rumo à pequena ponte.

Ao chegarem mais perto, ele percebeu que se tratava de uma ponte improvisada, feita de troncos atados com corda velha. Era bastante estreita e devia ter uns bons dez metros até ao outro lado – e uma altura de pelo menos o dobro disso. Sentiu um nó de nervos a apertar-lhe a garganta só de olhar para o rio, tão lá em baixo.

– Eu vou primeiro – ofereceu-se a *Dóris*. E saltou para a ponte, trotando pelos galhos com facilidade. – Anda daí! – ladrou, ao deitar-se na relva da outra margem. – É a tua vez!

O Zé avançou para a ponte, a medo, e subiu. Parecendo-lhe relativamente firme, abriu bem os braços e aventurou-se na travessia. Estava mesmo a chegar ao fim, quando... *CRAQUE!* um dos troncos partiu-se sob os seus pés. O menino perdeu o equilíbrio e escorregou. Aconteceu tudo num piscar de olhos e, antes que o coitado conseguisse perceber de que terra era, viu-se pendurado pelos dedos no tronco que restava, com as pernas a balouçar acima das águas velozes do rio.

– SOCORRO! – gritou.

A *Dóris* ladrava desesperadamente, mas não havia nada que nenhum deles pudesse fazer.

– Eu não aguento muito mais tempo! – disse o Zé, olhando aterrorizado para as impetuosas águas lá em baixo.

Estava prestes a deixar-se cair, quando, do nada, surgiu uma mão grande e forte que o agarrou e o içou para longe da água, depositando-o, de bruços, na margem do rio.

O Zé sentiu o coração a disparar quando se deparou com duas botifarras plantadas à sua frente. Esticando o pescoço, olhou para cima e viu um homem enorme e barbudo, envergando um longo casaco escuro.

A barba era comprida e desgrehada, como se não fosse cortada há décadas, e o rosto a que pertencia revelava bastante idade. Mas não foi isso que mais chamou a sua atenção. Escondidos no meio daquele rosto meio selvagem, espreitavam dois olhos azuis brilhantes como estrelas.

O Zé sentou-se fitando, atarantado, a misteriosa figura. Seria aquele homem

estranho a pessoa que procuravam? Seria aquele o pai da Flor? O seu avô?

Sentiu a *Dóris* a lambe-lhe a mão. Depois, a cadelita olhou para o homem.

– Que senhor tão simpático! – ladrou. – Salvou-te a vida! E cheira como a Flor!



O homem inclinou-se imediatamente para a frente.

– Disseste *Flor*? – perguntou.

O rapaz olhou para o velhote, em estado de choque.

– Consegue ouvi-la? – perguntou.

– Claro que consigo ouvi-la – riu-se o homem. – Pois se ela está mesmo aqui ao meu lado. Posso estar velho, mas não estou surdo, sabes?!

Tinha uma voz portentosa e profunda e o seu rosto pareceu iluminar-se de tanto se rir, como se fosse a coisa mais engaçada que ouvia há anos.

– Mas, afinal de contas, foi mesmo *Flor* que disseste?

O Zé levantou-se e sacudiu-se.

– Sim, a Flor está aqui. Eu ando à procura dela. Sou o Zé, o seu... – Hesitou um instante, antes de acrescentar baixinho. – Acho que sou o seu neto.



O AVÔ

Durante algum tempo, o velhote não disse nada. Parecia ter ficado mudo com a notícia. Nisto, um som estrondoso irrompeu da sua boca.

– Co’a breca! – exclamou, batendo com a imensa mão na testa. – A última vez que te vi davas-me pelos joelhos! – Olhava para ele, com absoluto espanto, e o Zé conseguia ver-lhe um sorriso radiante escondido por baixo da sua barba farfalhuda.

– É melhor vires comigo – disse o homem, embrenhando-se na floresta, sem esperar por uma resposta. – Quero que me contes tudo!

O Zé seguiu apressadamente o estranho velhote até à cabana que as borboletas tinham mencionado e entrou atrás dele. Era tão pequena que parecia uma casa da árvore minúscula caída no chão. O avô tinha posto alguns galhos secos numa pequena braseira, no meio da divisão, e fez-lhe sinal para que se sentasse. Por baixo do seu longo casaco escuro, notou que ele usava uma camisola de malha grossa, cheia de buracos. As suas calças largueironas estavam manchadas de lama e as gigantescas botas de couro não tinham atacadores.

– Como está a Flor? Quando é que chegaram aqui? Encontram a magia que eu deixei? – perguntou o avô, a transbordar de entusiasmo. – São perguntas a mais! É melhor começares pelo princípio...

E o Zé contou-lhe do dia em que fora com o Bruno e o Raul explorar a velha casa abandonada e que tinham lá encontrado uma rapariga sem memória, que andava à procura do pai. Contou também que, depois de seguirem as pistas na casa e de conversarem com os animais do Lar para Animais Idosos – onde depressa deduziram que o pai da Flor trabalhara – tinham conseguido descobrir para onde ele desaparecera.

– Mas só depois de a Flor vir para cá é que eu percebi que a pessoa que procurávamos devia ser o meu avô, o que fazia dela... minha mãe – terminou o Zé.

– Oh, meu Deus, meu Deus! – disse o avô, olhando para as chamas. – Então ela esteve desaparecida este tempo todo? E lembra-se apenas de ter nove anos? Deve ter encontrado o frasco da padaria... A magia é certamente mais forte do que eu pensava.

– Sim, ela tinha um frasco quando a encontrámos – confirmou o Zé. – Dizia no

rótulo: «Flor na padaria. Aos 9 anos.»

– É esse mesmo – confirmou o avô, abanando a cabeça. – Com mil diabos...

– O que é que tinha lá dentro? – perguntou o Zé, já sentado na beirinha da cadeira. – Essa magia também veio de um animal, como a dos outros frascos?

– Explico-te no caminho. Agora não há tempo a perder. Temos de encontrá-la e levar-vos de volta, antes que o portal se torne a fechar. Diz-me, onde é que vieste dar?

– Como assim? – inquiriu o Zé.

– Quando passaste pelo portal, onde é que saíste? – esclareceu o avô, apagando as chamas com uma das suas botifarras. – Lembras-te de algum ponto de referência? Alguma coisa te chamou a atenção?

– Havia um alperceiro – respondeu o Zé. – Foi essa a primeira coisa que vimos quando atravessámos a hera.

– Bom, só há um alperceiro por estas bandas! – exclamou o avô. – E os alperces são de trás da orelha! É melhor irmos para lá imediatamente... A Flor é uma miúda inteligente. Vai acabar por lá ir dar também.

Sem mais demoras, saiu da cabana na sua passada larga e encaminhou-se para a beira-rio, com o longo casaco a esvoaçar atrás de si e a *Dóris* a saltitar alegremente a seu lado.

– Como é que atravessamos para o outro lado? – interrogou o Zé, vendo-se obrigado a correr para não ficar para trás.

– Eu construí outra ponte mais a montante! – respondeu o avô. – Esperemos que não se parta também debaixo dos teus pés! É por aqui!

– Talvez os meus amigos já tenham encontrado a Flor – disse o Zé, continuando a correr atrás do avô. – Eles também têm poderes!

– Poderes? – disse o avô. – Presumo que se tenham servido dos meus frascos.

– Sim! – ofegou o Zé. – O Raul consegue voar como um falcão e o Bruno corre tão rápido como uma chita!

– Muito bem! – riu-se o avô, olhando por cima do ombro. – Estou a ver que pintaram a manta durante a minha ausência!

Seguindo atrás da *Dóris*, cruzaram rapidamente a segunda ponte até à outra margem do rio e enveredaram pela floresta de árvores «vestidas» de cor-de-rosa.

– O avô estava a falar do frasco que a Flor encontrou – lembrou o Zé.

– Ah, sim – disse o avô, abrindo caminho. – Era uma fragrância, como um perfume.

– Um perfume de quê? – quis saber o Zé.

– Era uma memória – respondeu o avô. – Uma memória perfeita da Flor, que eu capturei quando ela devia ter mais ou menos a tua idade. Estava a comer uma enorme fatia de bolo na padaria onde costumávamos ir tomar o pequeno-almoço.

– Bolo ao pequeno-almoço? – perguntou o Zé, com uma cara espantada.

– As crianças adoram bolo ao pequeno-almoço! – exclamou o avô. – O teu pai nunca te leva a comer bolo?

– Ao pequeno-almoço, não! – riu-se o Zé.

– Estou a ver que preciso de ter uma conversinha com ele – declarou o avô, com uma piscadela de olho.

O Zé tentou reconduzir a conversa para o que acontecera à sua mãe.

– E como é que capturou uma memória? – perguntou, educadamente. – E se essa magia a transformou numa criança, o avô é capaz de a... reverter?

– Bom, meu jovem, com algumas magias é difícil saber – explicou o avô.

– Mas o avô vai transformá-la de volta, quando a encontrarmos, não vai? – insistiu o Zé. – Vai contar-lhe o que aconteceu e pôr tudo normal outra vez, certo?

O avô parou e encarou-o.

– A questão, meu rapaz – disse, pousando-lhe a mão no ombro –, é que não podemos revelar à Flor a sua verdadeira identidade. Eu sei que deves estar deseioso de lhe contar tudo, mas ela não ia entender.

O Zé permaneceu em silêncio, olhando o avô olhos nos olhos.

– Ela não faz ideia de quem era antes – prosseguiu o avô. – É como começar do zero. A Flor só tem noção de quem é *agora*.

– Mas o avô *consegue* corrigir isso, certo? – perguntou o Zé. Acabara de conhecer aquele velho estranho e não sabia se podia confiar nele.

– Não te preocupes, meu rapaz... – disse o avô, com outra piscadela de olho. – Deixa tudo comigo!

O Zé ainda não tinha a certeza se acreditava nele, mas, antes que conseguisse fazer-lhe mais perguntas, ouviu-se um estrondo e algo saltou das árvores aterrando mesmo à frente deles. Deu um pulo para trás, sobressaltado, porque não percebeu logo quem era.

– Flor! – exclamou.

– Pai! – gritou a Flor, correndo ao seu encontro. – Encontrei-te! Encontrei-te!!

– Ah ah! A minha Flor saltou de uma árvore em flor! – brincou o pai, erguendo-a no ar e dando-lhe o maior abraço do mundo. – Minha querida menina! Minha querida menina!

Quando voltou a pô-la no chão, a Flor recuou e pôs-se a observá-lo, com uma expressão intrigada.

– Estás *velho*! – exclamou, franzindo o sobrolho.

Por uma fração de segundo, o avô do Zé pareceu ficar sem palavras. Depois, olhou-a nos olhos, com um grande sorriso, e disse:

– Tu estás exatamente como eu me lembro... sinto-me tão feliz por te ver!

O Zé afastou-se um bocadinho, meio atrapalhado. Claro que estava contente por eles se terem reencontrado. Afinal de contas, era exatamente essa a missão do bando. Mas não conseguia deixar de se sentir um bocadinho excluído.

– Ei, miúdo! – chamou a Flor, dando-lhe uma palmadinha amigável no braço. – Conseguimos! Encontrámos o meu pai! E este sítio! Não é incrível? Já viste a quantidade de estrelas no céu? É o lugar mais mágico que eu alguma vez vi!

O Zé abriu a boca para responder, mas não lhe saiu nenhuma palavra, por isso limitou-se a sorrir. Embora continuasse cheio de vontade de contar a verdade à Flor, o avô pedira-lhe que não dissesse nada e deixasse tudo nas suas mãos e era

isso que ele pretendia fazer.

– Precisamos de ir andado! – disse o avô, seguindo apressadamente caminho. – Agora temos ainda menos tempo! Quem sabe até quando o portal fica aberto...

A Flor não se mexeu. De repente, parecia confusa.

– Mas não vamos ficar aqui? – perguntou.

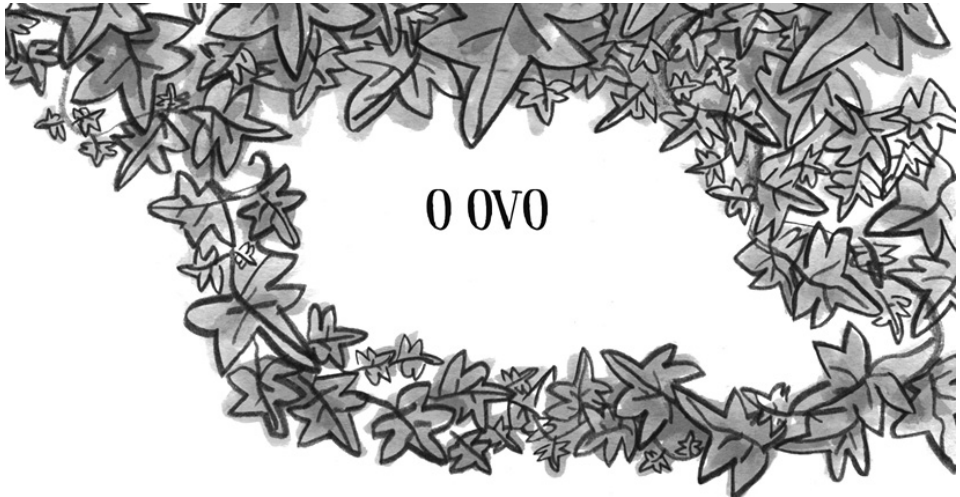
O avô deteve-se e voltou-se para trás. Olhou primeiro para a Flor e depois para o Zé.

– Havemos de voltar, não te preocupes – garantiu à Flor. – Mas, por agora, temos de levar o Zé e os amigos de volta a casa. Quando lá chegarmos, tenho só que resolver umas coisinhas, antes de regressarmos. Fiz uma promessa a um velho amigo e talvez precise da vossa ajuda para a cumprir.

– Podes contar connosco! – exclamou a Flor, novamente com o rosto resplandecente de alegria.

– Fantástico! – disse o velhote, batendo as palmas das suas mãos gigantes. – E tu, Zé, o que me dizes? – perguntou ao neto, com uma piscadela de olho. – Apetece-te uma aventurazinha?

O Zé não sabia o que dizer. Tudo o que queria era ter a mãe de volta e não evitou sentir uma pontada de ciúmes ao ver o avô a afastar-se com a Flor. Mas não tinha escolha: ia seguir o plano do avô torcendo por que, no final, ele pusesse tudo no devido lugar.



O OVO

Nuvens de bruma roxa flutuavam à sua volta, enquanto subiam os três o monte em direção ao alperceiro. O Zé observava, maravilhado, os padrões rodopiantes que inundavam o céu, como tinta ao misturar-se com a água.

O avô seguia cerca de um metro à sua frente, acompanhado da Flor, que transbordava de energia, bombardeando-o com todo o tipo de perguntas: o que acontecera na noite da tempestade, como é que ele ficara tão velho e com uma barba comprida... O Zé quase conseguia ver a excitação a emanar dela. O velhote tentou mudar de assunto várias vezes, mas o chorrilho de perguntas não parou. Ele parecia um gigante ao lado da filha, que saltitava alegremente pelo caminho, a um ritmo alucinante. Quando esgotou as perguntas, começou a contar-lhe tudo sobre o seu bando secreto e os Buckley e os rebuçados mágicos dos frascos e ter conhecido o *Jumbo* no lar dos animais.

– Eu adoro falar com os animais – tagarelava ela. – Eles são como nós, não são...? O *Jumbo* foi supersimpático. Contou-nos como vocês aprenderam a falar um com o outro e da vez em que tu colheste as lágrimas dele para fazeres poções mágicas... E também conversei com uma ema que precisava de cortar o cabelo e tinha um ar meio esquisito... e havia duas gaivotas que estavam a discutir por causa de um pacote de batatas fritas... e depois falei com uma girafa!

– Acalma-te um bocadinho, Flor. Ainda rebentas, miúda! – disse-lhe o pai, olhando-a com ternura.

– Eu sei! – arfou ela. – Mas estou tão feliz!

– Dá para ver, minha querida – disse o pai, cheio de paciência. – Mas é importante conservarmos a nossa energia. Esperam-nos grandes planos e precisamos de estar preparados, com a mente bem alerta!

– Planos? Oh, adoro planos! – exclamou a Flor, juntando as mãos.

Ao aproximarem-se do cimo do monte, avistaram finalmente o alperceiro. E, balançando-se nos seus ramos, como dois alegres macacos, estavam o Bruno e o Raul.

– Até que enfim! – gritou o Bruno, com a boca cheia de alperce. – Sempre a

encontraste, Zé!

– *Encontrou-me?* – repetiu a Flor. – Eu é que os encontrei a eles!

– O senhor deve ser o pai da Flor! – gritou o Raul, lá do alto.

– É pois! – respondeu a Flor, radiante.

O velhote apresentou-se aos irmãos Buckley.

– Muito prazer em conhecer-vos, rapazes! – disse, dando um passou-bem ao Bruno com tal vigor que quase o atirou da árvore abaixo.

Nesse instante, a *Dóris* desatou a ladrar.

– Aqui, aqui! – chamou ela.

– O que é que se passa? – perguntou o Bruno. – O que é que encontraste?

Os irmãos desceram da árvore e o bando correu ao encontro da cadelita. Encontraram-na com o focinho enfiado na vegetação rasteira, a farejar qualquer coisa.

– Isso é... um ovo? – perguntou o Raul.

– Claro que é um ovo, seu idiota – respondeu o Bruno. – Havia de ser o quê?

– Deve ter caído da árvore, ou assim – deduziu o Zé, observando a copa do alperceiro.

Tanto quanto conseguia ver, não havia nenhum ninho lá em cima – muito menos um que comportasse um ovo daquele tamanho. Era tão grande que só se conseguia pegar nele com as duas mãos e a casca parecia dura como uma rocha.

– Não lhe toques! – gritou o Bruno, quando o Raul se aproximou.

– Porquê? – perguntou o irmão.

– Porque não sabes quem é a mãe! – explicou o Bruno, cauteloso. – Até pode ser um dragão-de-komodo!

O Raul sorriu ao irmão e arregalou os olhos.

– Um ovo de dragão? – perguntou, empolgado. – Podíamos levá-lo para casa!

O Bruno revirou os olhos.

– Ah, claro! – troçou. – O pai e a mãe iam adorar ter um dragão de estimação lá em casa!

O Zé ajoelhou-se ao lado do Raul e examinou o ovo mais de perto.

– Podemos levá-lo connosco, por favor? – sussurrou o Raul, saltitando de joelhos, como se tivesse acabado de descobrir um presente de aniversário escondido num armário. Depois, baixou-se e passou suavemente a pontas dos dedos na casca do ovo.

– Acho melhor não lhe mexermos, Raul – opinou o Zé. – Ele precisa da mãe.

– E se a mãe não conseguir encontrá-lo? – sussurrou o Raul, triste. – Não podemos deixá-lo aqui sozinho.

O Zé nunca tinha visto o Raul tão perturbado. Pousou-lhe a mão no ombro e estava prestes a tentar consolá-lo quando foi interrompido pela voz urgente do avô.

– Venham cá, depressa!

O bando levantou-se e foi ao encontro do velhote, que caminhava lentamente em direção a qualquer coisa. O Zé conseguia ver uma nesga dourada de luz cintilante perfurando as folhas, como uma faca.

– Está ali! – murmurou o avô, apontando para a luz. – O portal está mesmo ali!
O bando reuniu-se ao seu redor.

– Conseguem ouvir? – perguntou-lhes.

Todos apuraram o ouvido quando o velhote estendeu as mãos em direção à luz e abriu devagar a cortina de hera.

Muito suavemente, as folhas em volta começaram a estremecer ao som de um trovão longínquo.

– É a tempestade! – sussurrou a Flor, entusiasmada.

– Todos a postos para uma missão? – perguntou o velhote.

– Missão? – repetiu o Bruno, de sobrolho franzido. – Qual missão? Pensei que a nossa missão era encontrá-lo.

– E era – disse a Flor, orgulhosa. – Mas agora há uma nova!

– E podemos saber qual é? – perguntou o Bruno.

A Flor abriu a boca para responder, mas tornou a fechá-la.

– Não faço ideia – admitiu, como se tivesse acabado de se aperceber disso. – Qual é a missão, pai?

– Cada coisa a seu tempo – respondeu o velhote. – Vamos passar primeiro para o outro lado, e prometo que depois tudo será revelado! Prontos?

O bando assentiu com a cabeça.

– Onde é que está o Raul? – perguntou o Zé, dando pela falta do amigo.

– Raul! – chamou o Bruno.

– Estou a ir! – respondeu o irmão, correndo para se juntar a eles.

– Estavas de volta daquele aquele ovo, não estavas? – perguntou o Bruno. – Bora, temos de voltar para casa!

– Queres passar primeiro, Zé? – perguntou o avô, sorrindo-lhe através da enorme barba.

Era inegável que o Zé se sentia um bocadinho assustado, mas estava determinado a não o demonstrar.

– Pode ser – disse, dando um passo em frente.

Mais uma vez, o avô estendeu o seu longo braço e abriu a cortina de hera suspensa.

– Se faz favor... – disse.

E, um a um, todos atravessaram o portal.



DE VOLTA A CASA

O Zé saiu aos tropeções do outro lado da cortina de hera com a Flor logo atrás dele, e reboaram os dois pelo chão.

De repente, a luz convertera-se em escuridão e toda a quietude pacífica do outro mundo se esfumou num instante.

O rapaz sentou-se e, quando os seus olhos se habituaram finalmente à penumbra, apercebeu-se de que estava de volta à velha casa abandonada, com as suas estranhas paredes cobertas de hera. Os ventos ferozes continuavam a rugir, lá fora, açoitando as janelas como se monstros colossais tentassem entrar.

– Isto foi divertido! – disse a Flor, com um risinho, enquanto se levantavam.

Mal se puseram de pé, o Bruno e o Raul saíram disparados através da hera e atiraram-nos de novo ao chão.

– *Au!* Cuidado! – resmungou o Bruno, quando o pé do Raul acertou na sua orelha.

Passado um instante, o velhote atravessou o portal, com a *Dóris* a saltitar atrás dele. Assim que viu a hera, estacou. O bando ficou a vê-lo percorrer a sala, tateando as paredes forradas de vegetação.

– O que é que aconteceu aqui...? – sussurrou.

Saindo para o vestíbulo, parou de olhos esbugalhados como se visse a casa pela primeira vez. À sua volta, uma selva de hera rastejava pelo soalho, trepava pelas paredes e cobria o teto. Todas as janelas, portas e peças de mobiliário estavam firmemente embrulhadas em folhas.

– Lembro-me de haver *alguma* hera, quando parti – murmurou o avô –, mas crescia sobretudo na parede do portal. Agora... invadiu tudo!

O Zé e o resto do bando levantaram-se, sacudiram-se e foram ter com o velhote ao vestíbulo. O Zé não evitou um sorriso quando viu o avô baixar-se, apanhar uma florzinha amarela do tapete de musgo que forrava os degraus e aproximá-la gentilmente do nariz.

– Linda! – exclamou ele. – Bom, cresceu tudo muito, desde a última vez que cá estive... mas confesso que me agrada bastante!

Mal acabou de falar, um longo ramo de hera começou a fazer cócegas na barriga do Raul, como se farejasse algo debaixo da sua *t-shirt*.

– Ei, para com isso! – protestou o Raul, dando-lhe uma sapatada. – Eh... malta! A hera está outra vez com aquelas magias!

– Ah, não te preocupes – disse o velhote. – Não te vai fazer mal. Quer apenas brincar contigo.

– Para, eu não quero brincar! – gritou o Raul, e virou-se de costas para se proteger da hera.

Nesse preciso momento, caiu qualquer coisa da sua *t-shirt*, que aterrou no chão com um forte baque.

Ninguém queria acreditar no que via.

Ali no chão, diante deles, estava o ovo gigante, que a *Dóris* descobrira nos arbustos. O ovo foi girando vagarosamente até parar no meio da divisão. O bando olhou para o ovo e depois para o Raul, à espera de uma explicação.

– Eh... achei que era uma recordação fixe – defendeu-se o Raul, com um encolher de ombros atrevido. – É só um ovinho.

– Só um *ovinho*? – quase se engasgou o Bruno.

Mas a resposta do Raul foi interrompida pelo ruído estrepitoso de algo a rachar. Deram todos um pulo para trás no momento em que o ovo se abriu e de lá saltou um filhote de pássaro.

O Zé não percebeu que criatura era aquela. Pensava que todos os pássaros nasciam pequeninos, mas aquele era grande e felpudo. Tinha umas asas e umas patas minúsculas quando comparadas com o resto do corpo, e o bico curvo parecia demasiado grande para a cara. Os seus enormes olhos esbugalhados fixaram-se no Raul, cheios de ternura.

– *Piu!* – exclamou.

– O que é que ele disse? – perguntou o Raul ao Zé e à Flor, entusiasmado.

– Só piou – respondeu o Zé.

– Talvez ainda não saiba falar – ponderou a Flor. – Afinal, acabou de nascer.

– *Piu!* – exclamou, novamente, o pássaro bebé, cambaleando até ao Raul.

– Acho que ele gosta de ti, Raul! – declarou o Zé. – Deve achar que és a mãe dele.

– Que tipo de pássaro é este? Tem um aspeto tão engraçado! – riu-se a Flor, rastejando até ao recém-nascido.

A *Dóris* também se aproximou e farejou-o, curiosa.

– É um pombo? – perguntou o Raul.

– Um *pombo*? – zombou o Bruno. – Nem os pombos *adultos* são deste tamanho!

O Zé olhou para o avô, que estava de boca aberta.

– Com mil diabos! – murmurou.

– O que foi? – questionou a Flor. – O que foi?

– É um dodó... – sussurrou o velhote.

– Não pode ser – disse o Zé.

– Não é suposto estarem extintos? – acrescentou o Raul.

– Sim... – confirmou o velhote, quase sem fôlego. – Sim, é suposto estarem extintos... desde 1681.

– Isso é há um tempão... – matutou o Bruno.

O Zé conseguia ver que o avô estava estupefacto com aquela extraordinária descoberta. Tinha os seus olhos cintilantes mais arregalados do que nunca e parecia a ponto de entrar em ebulição. E entrou mesmo!

– *Iuuuuuuupiiiiiiii!* – bradou de alegria, dando um salto no ar. – Não é fabuloso? – Dançava de um lado para o outro, maravilhado. – Entendem o que isto significa? Significa tudo! Significa que o outro mundo é... é um Céu! Um paraíso onde todas as criaturas, velhas, novas e até extintas podem florescer! Viver para sempre! Deve haver por lá todo o tipo de animais há muito esquecidos. Talvez existam mamutes-lanudos e tigres dentes-de-sabre e...

– Dinossauros! – gritou o Raul.

– Ainda bem que nos calhou um dodó e não um *T-rex*... – comentou o Bruno, que começava a parecer um bocadinho assustado.

– Muito bem! – exclamou o velhote, subindo as escadas atapetadas de musgo. – Isto torna a minha missão aqui ainda mais importante. Temos de continuar! Há tanta coisa para fazer e tão pouco tempo...

– Espere! – gritou o Zé. – Eu tenho de voltar para casa. O meu pai vai ficar muito preocupado!

O avô estacou nos degraus.

– Oh, não, a mãe e o pai! – disse o Raul. –Esqueci-me completamente... nós fugimos no meio da tempestade!

– Pois, os vossos pais... – suspirou o velhote. – Nem me lembrei que existiam...

– O Zé tem razão – afirmou o Bruno. – Precisamos de voltar para casa.

– Sim, e além disso eu estou a morrer de fome! Não como há séculos! – acrescentou o Raul.

Depois de pensar uns instantes, o avô do Zé precipitou-se para uma das janelas e, abrindo-a ao máximo, meteu a cabeça de fora, à chuva.

– Muito bem! – gritou, por cima do ombro, com o mesmo empolgação de antes. – Mais um dia não há de fazer assim tanta diferença! Parece-me que a tempestade ainda está para durar. – Tornou a fechar a janela. – Encontramo-nos aqui, amanhã de manhã!

– Anda, *Dóris*! – chamou o Bruno. – Vamos para casa.

– O que é que fazemos com o dodó bebé? – perguntou o Zé, apontando para o pinto felpudo, que continuava parado no meio do vestíbulo.

– Ele pode vir comigo! – ofereceu-se o Raul, pegando-lhe ao colo num gesto protetor. – Fui *eu* que o encontrei.

– Ah, claro – troçou o Bruno. – Como se o pai e a mãe não fossem passar-se da cabeça se vissem essa coisa cair da tua *t-shirt* em cima da mesa da cozinha!



– Talvez seja melhor o dodó ficar aqui comigo, por agora – sugeriu o velhote, estendendo os braços. – Devolvo-to amanhã de manhã.

O Raul fez menção de entregar a cria ao velhote, mas nesse instante o pássaro soltou um grasnido de angústia.

– Tão fofo! – disse a Flor. – Não quer deixar o Raul!

O velhote deu uma gargalhada.

– Nesse caso, meu rapaz, ele devia ficar contigo.

– A sério? – espantou-se o Raul. – Oh, obrigado!

– Fantástico! – suspirou o Bruno. – A mãe vai ter um ataque se descobrir.

– Então, certifiquem-se de que não descobre – disse o velhote, despedindo-se do dodó com uma festa. – E sejam gentis com o pequenote. Não se esqueçam de que ainda é apenas um bebé.

– Vai ficar seguro comigo – prometeu o Raul, afagando a cabeça do dodó com a ponta dos dedos.

– Excelente! Vemo-nos amanhã, rapazes! – despediu-se o velhote. – Bem cedinho! Já perdemos tempo precioso! Temos muitos planos para engendrar, por isso, depois de dormirem e sonharem a noite inteira, corram para cá o mais rápido que puderem! Agora, toca a andar. Desapareçam daqui! Desandem! Chispem-se! Jantem bem e deitem-se cedo, por favor. Vão precisar de todas as vossas forças amanhã!



PAI E FILHO

O rumor da tempestade já abrandara quando o Zé desceu desembestado as escadas da velha casa abandonada e saiu disparado pela porta da frente, atravessando o túnel sombrio de hera até ao portão que dava para o beco atrás da sua casa.

Dado a hora, era de esperar que se sentisse exausto, mas não sentia. A noite estava fria e o medo invadiu-lhe o estômago, quando abriu o portão do seu quintal e correu que nem um louco pelo relvado molhado direito à porta das traseiras. A única coisa em que conseguia pensar era em quão zangado o pai devia estar. Vira-o pela última vez depois de o Sr. Nettles – o chefe do Sr. Broom – o apanhar a meter o bedelho no lar de animais. O pai levava-o para casa, mas o Zé saltara do carro ainda antes de ele estacionar e tornara a fugir, desaparecendo no meio da tempestade. Que outra coisa podia fazer? Tinha de ir atrás da Flor! Só agora percebia o estado de preocupação em que deixara o pai.

A casa estava muito silenciosa quando o Zé entrou pela porta das traseiras. Ouvia-se apenas o rádio da cozinha, que ficara ligado. A voz crepitante de uma locutora relatava as últimas notícias sobre a tempestade.

«Prevê-se que amanhã se mantenham as condições meteorológicas adversas em todo o país. A tempestade Bóris trará consigo chuvas torrenciais acompanhadas de trovoada, uma mudança drástica em relação aos dias soalheiros da semana passada. Já foram emitidos alertas de cheias antevendo-se que chova numa noite o correspondente a um mês, a maior precipitação registada nos últimos seis anos...»

O avô estava certo, pensou o Zé, a tempestade não passaria tão cedo. Fechou cuidadosamente a porta das traseiras atrás de si. A princípio, achou que não estava ninguém em casa, mas, mal acendeu a luz da cozinha, deparou-se com o pai sentado à mesa. Tinha uma expressão de profunda decepção estampada no rosto e parecia estar ali à espera há muito tempo.

– Porque é que estás às escuras? – perguntou-lhe o Zé.

O Sr. Broom ergueu os olhos, como que surpreendido.

– Nem reparei que tinha escurecido – afirmou. – Fiz-te o jantar.

Continuava vestido com o macacão poeirento do trabalho e equilibrava no Joelho uma caneca de chá. Em cima da mesa, havia um prato com uma sanduíche de compota e um outro só com migalhadas – o pai já devia ter comido.

– Nós nunca comemos à mesa – comentou o Zé.

– Achei que estava na altura de isso mudar – respondeu o pai. Puxou a cadeira do lado e deu uma palmadinha no assento. – Onde é que andaste? – perguntou calmamente, quando o Zé se sentou. – Fazes ideia de como tenho estado preocupado? Foges no meio de uma tempestade e deixas-me aqui sem saber para onde foste ou quando voltas. Podia ter-te acontecido alguma coisa.

O Zé mordeu o lábio e permaneceu em silêncio. Se ao menos pudesse dizer-lhe a verdade... Queria muito contar-lhe tudo o que acontecera, mas, por mais vontade que tivesse, sabia que o pai não acreditaria nele.

– Desculpa, pai – pediu, sem saber o que mais dizer.

O Sr. Broom suspirou.

– Come qualquer coisa, deves estar esfomeado.

O Zé deu uma dentada na sanduíche, enquanto o Sr. Broom olhava pela janela, recostado na cadeira. Gotas de chuva escorriam pelo vidro, como girinos numa corrida, e os lampejos silenciosos dos relâmpagos iluminavam a rua lá fora.

– Talvez o que aconteceu hoje tenha sido pelo melhor – ponderou. – Talvez esteja na hora de eu deixar o lar dos animais e experimentar uma coisa nova.

O Zé estremeceu ao recordar os sarilhos que arranjava ao pai com aquele chefe horroroso, o Sr. Nettles. Não queria que ele perdesse o emprego por sua causa.

– Pensei que adoravas trabalhar no lar – arriscou, devorando o resto da sanduíche e lambendo a compota pegajosa dos lábios.

– Sim, eu adoro os animais – admitiu o Sr. Broom. – E, quando fui substituir o teu avô, era muito feliz. É fabuloso cuidar de animais e passar o dia ao ar livre. Mas o Sr. Nettles é um homem detestável e, às vezes, chego a ter pena dos bichos...

– Mas tu sempre dissesse que eles eram velhinhos e que precisavam de ser cuidados – argumentou o Zé.

– E precisam. Só queria que houvesse outra solução. – O pai do Zé soltou um suspiro profundo. – A tua mãe saberia aconselhar-me, se aqui estivesse. Era uma das cosias que eu adorava nela. Tinha um talento especial para saber sempre o que fazer.

Uma sensação quentinha e agradável rodopiou no estômago do Zé.

– Fico feliz por ela ser assim – disse.

O Sr. Broom olhou de relance para o filho, como se tivesse ouvido mal.

– Bom – prosseguiu, inclinando-se para a frente. – O que eu estou a tentar dizer, Zé, é que lamento ter trabalhado sempre tanto e não ter conseguido dar-te o apoio que merecias.

– Tu sempre me apoiaste, pai.

– Não, não apoiei – interrompeu o Sr. Broom. – Não ultimamente. Devia acompanhar de perto o teu crescimento. O tempo passa tão depressa, e eu estou a perder tudo.

O Zé observou o pai por instantes, não sabendo o que pensar ou dizer. Nisto, o Sr. Broom estalou os dedos, como que assaltado por uma ideia brilhante.

– Porque é que amanhã não passamos o dia juntos? – propôs, com uma

centelha de entusiasmo na voz. – Só nós os dois! Levantamo-nos bem cedinho e vamos onde quiseres. Que tal?

– Não posso – respondeu o Zé, de supetão, ao mesmo tempo que puxava pela cabeça tentando arranjar uma boa desculpa. – Quer dizer, eu ia adorar, a sério, mas prometi ao Raul e ao Bruno que os ajudava com... os trabalhos de casa.

– Os trabalhos de casa? – repetiu o Sr. Broom, coçando a cabeça. – É um bocadinho cedo para isso, não? As férias ainda agora começaram.

– Eu sei, mas eles estão muito atrasados – explicou o Zé, com uma expressão séria. – E eu prometi-lhes.

– Bom, o prometido é devido... – disse o Sr. Broom.

O Zé não suportava ver a desilusão no olhar do pai. Detestava mentir-lhe e a última coisa que queria era dececioná-lo, mas não tinha alternativa. Precisava de voltar à velha casa abandonada logo pela manhã. Não podia deixar o seu bando na mão.

O Sr. Broom levantou-se lentamente da cadeira e começou a tirar os pratos da mesa.

– Nesse caso, talvez seja melhor ir trabalhar amanhã e tentar resolver as coisas com o Sr. Nettles – disse, parecendo um tanto desalentado.

O Zé sentia-se cada vez pior por deixar o pai naquele estado.

– Desculpa ter fugido, pai. Não volta a acontecer.

– Não te preocupes, filho. O importante é estares bem – disse o Sr. Broom, já na porta da cozinha. – Ei, que tal fazermos um jantarzinho especial amanhã à noite? – sugeriu, de repente. – Só tu e eu. E não quero desculpas.

– Boa ideia, pai – concordou o Zé, com um sorriso que pareceu animar o pai.

O Zé não fazia a mínima ideia do que a noite seguinte lhe reservava, mas preferia não estragar já a felicidade do pai. Mal o Sr. Broom saiu da cozinha, o rapaz correu escadas acima, para a cama. Esperava-o um dia em grande!



UM ESPETÁCULO DE ARROMBA!

O Zé acordou com um toque-toque persistente na janela do seu quarto. «Deve ser a chuva», pensou, enquanto se sentava preguiçosamente, esfregando os olhos ensonados. O *Óscar*, o gato da família, ressonava no fundo da cama, livre de preocupações.

As pancadas na janela soavam cada vez mais fortes, e o Zé foi espreitar. Qual não foi o seu espanto quando correu a cortina e viu a Flor empoleirada no parapeito da janela, a bater no vidro com o dedo. Tinha um sorriso de orelha a orelha e parecia mais feliz do que nunca.

– O que é que fazes aqui? – perguntou-lhe o Zé, abrindo a janela para ela entrar.

Ainda não começara a chover, mas o Zé reparou que uma espessa camada de nuvens cinzentas cobria o céu.

– Bom dia, puto! – saudou a Flor, num sussurro empolgado.

– Que horas são? – perguntou o Zé, com um grande bocejo.

– São horas de te vestires, sua lesma preguiçosa! – respondeu ela. – Vá, despacha-te!

O *Óscar* agitou os seus longos bigodes brancos.

– Alguém faz o favor de calar essa criatura?! – miou, sem sequer abrir os olhos.

– Eu ouvi isso – disse a Flor, fitando o velho gato, de sobrolho franzido.

– Não lhe ligue – disse o Zé. – Ele é sempre rezingão quando acorda.

– Que atrevimento! – resmungou o *Óscar*, rebolando para o outro lado e continuando a dormir.

O Zé olhou para relógio: 9h30! Àquela hora já planeava estar na velha casa abandonada. Desatou a saltitar pelo quarto, vestindo-se o mais depressa que conseguia. Apercebeu-se, então, de que aquela era a primeira vez que ficava a sós com a Flor desde que descobrira quem ela realmente era. Ainda lhe custava a acreditar que a rapariga à sua frente fosse – ou tivesse sido – a sua mãe. Uma vozinha na cabeça do Zé incitava-o a dizer-lhe alguma coisa, a contar-lhe a verdade. Mas como podia fazê-lo? A Flor também não passava de uma criança. Jamais entenderia, o avô tinha razão. E poria fim à sua amizade. «Não!», decidiu o Zé. Por enquanto, teria de guardar segredo e dar oportunidade ao avô de resolver aquela trapalhada mágica. Não havia outra saída. Tentaria arranjar maneira de falar outra vez com ele durante o dia.

A Flor estalou os dedos mesmo em frente ao nariz do Zé.

– Para de sonhar acordado, puto! – disse-lhe. – Precisamos de nos despachar!, Bora lá, pega no teu casaco!

– Tenho de me despedir do meu pai – afirmou o Zé, encaminhando a Flor de volta à janela. – Encontramo-nos no beco.

– Está bem, mas não demores! – insistiu ela, enquanto descia pelo cano.

O Zé disse um adeus rápido ao pai por uma fresta da porta do quarto e correu escadas abaixo. Agarrou no casaco e nos ténis e foi-se vestindo pelo caminho, saindo aos saltinhos pela porta das traseiras direito ao portão do quintal que dava para o beco.

A Flor, o Bruno e o Raul esperavam-no junto ao portão da velha casa abandonada. Os irmãos Buckley não paravam de bocejar e, ao seu lado, a *Dóris* abanava a cauda, toda contente.

– Bom dia! – ladrou, quando o Zé se juntou a eles, muito ofegante.

– Bom dia, *Dóris*! – respondeu o Zé, dando-lhe uma coçadela atrás das orelhas.

– Ela invadiu a nossa casa! – disse o Bruno, apontando para a Flor, nitidamente ultrajado. – A Flor entrou no meu quarto, subiu para a minha cama e acordou-me com almofadadas na cabeça!

– Ao menos, não te arrastou para fora da cama pelos pés! – resmungou o Raul, massajando o traseiro dorido. – Até fiquei com uma nódoa negra!

– Oh, não sejam bebés! – gritou a Flor, cruzando a correr o portão da velha casa abandonada. A *Dóris* disparou atrás dela, latindo de entusiasmo.

O Zé e os Buckley seguiram logo atrás. Enquanto subia a estreita escada, o Zé olhou ao redor, maravilhado. Não que a casa estivesse diferente, mas continuava a tirar-lhe o fôlego: a hera mágica serpenteando em entrançados retorcidos por ali acima e tomando de assalto o teto, sem deixar quase um centímetro de parede à vista, era uma visão verdadeiramente impressionante.

– Onde é que ele está? – perguntou o Raul, quando chegaram ao topo.

– Onde está quem? – perguntou a Flor.

– O teu pai! – exclamou o Bruno. – Não o perdeste outra vez, pois não?

– Ah, claro! – gritou a Flor. – Estava a esquecer-me... venham por aqui!

– Tu e a tua memória... – suspirou o Bruno, abanando a cabeça, enquanto atravessavam o vestíbulo no encalço dela e subiam a escadaria principal até ao salão, que, ao Zé, parecia sempre inclinada para o lado.

A tenda da Flor – onde o bando a encontrara pela primeira vez – continuava montada num dos cantos da divisão. Noutro canto, uma panela fumegava, suspensa sobre uma braseira, e o pai da Flor estava sentado no chão, logo ao lado, partilhando leite quente de uma molheira com a *Dóris*, que chegara lá acima antes deles.

– Oras sorves tu, ora sorvo eu! – riu-se o velhote.

– É o melhor leite que alguma vez provei! – latiu a *Dóris*.

– O segredo está na temperatura! – revelou o velhote. – O leite bebe-se bem geladinho ou bem quentinho, é o que eu digo sempre! Caso contrário, dá-me vómitos e cuspo tudo!

– Já cá estamos todos, pai! – anunciou a Flor. – Tive de arrancá-los da cama à força!

O velhote levantou-se de um salto e estendeu-lhes os braços.

– Bem-vindos, meus jovens amigos! – saudou. – Espero que tenham dormido o suficiente! Espera-nos um dia e tanto! Dá-me aí a outra tigela, Flor. – E, enchendo-a de leite, passou-a ao resto do grupo.

Todos beberam, à vez, um golo quentinho. Quando a tigela chegou ao Raul, ele abriu o fecho do casaco e emergiu lá de dentro a cabeça do dodó bebé.

– Então, era aí que o tinhas escondido! – riu-se o velhote.

– O *Chico* vai adorar um bocadinho de leite ao pequeno-almoço – disse o Raul.

– *Chico*? – zombou o Bruno. – Deste-lhe um nome?

– Iá – respondeu o Bruno, orgulhoso, molhando a ponta do dedo no leite e deixando escorrer algumas gotinhas para o bico do pássaro.

– *Piu!* – exclamou alegremente o *Chico*.

– Não podes chamar *Chico* a um pássaro! – gritou o Bruno.

– Porquê? – protestou o Raul. – Eu gosto do nome *Chico*! E fica-lhe a matar.

– Acho que é um nome espetacular! – apoiou a Flor. – Eu não teria escolhido melhor!

– Concordo. *Chico* é um excelente nome para um jovem dodó! – opinou o velhote. – Então, já não falta ninguém! Esplêndido! Muito bem, ontem aqui o nosso Zé disse-me que todos vocês têm poderes. Qual dos quatro é veloz como uma chita?

– Eu – respondeu o Bruno, empinando o peito.

O velhote olhou-o de alto a baixo, em silêncio.

– Então, mostra-nos lá do que és capaz! – disse, por fim.

O Bruno largou a correr ao redor da sala, deixando atrás de si um rasto luminoso. Deu voltas e mais voltas e mais voltas e, depois, travou com uma derrapagem. Tinha o cabelo todo em pé, tal fora a velocidade – parecia que apanhara um choque elétrico –, e o Zé reparou que as solas dos seus ténis fumegavam.

– Deveras impressionante! – elogiou o velhote. – Foi extraordinário! Com esse poder na manga, podias ganhar todas as medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos! E parece bastante divertido também!

– É a melhor coisa do mundo! – ofegou o Bruno, tentando recuperar o fôlego.

– Nunca cheguei a experimentar esse, em particular, mas alegra-me que funcione tão bem! – disse o velhote. – É glorioso! Absolutamente incrível!

O Bruno sorriu cheio de si. A Flor fez-lhe um gesto de aprovação com o polegar e, em seguida, empurrou o Raul para a frente.

– Então, tu deves ser o miúdo que consegue voar – deduziu o velhote, olhando para o mais novo dos Buckley. – Experimentei várias vezes esse poder, mas nunca lhe apanhei o jeito. Sempre que subia às alturas, caía aos trambolhões. Uma vez, até fui parar ao jardim de um vizinho. O homem nunca mais me olhou da mesma forma, e eu não o tornei a experimentar. Na verdade, estou a ficar demasiado velho

para voos altos. É coisa para gente nova! Por isso, dá-nos um espetáculo de arromba, jovem Raul!

O Raul pousou gentilmente o *Chico* no chão, cerrou os seus pequenos punhos e disparou em direção ao teto, voando em torno de um velho lustre revestido de folhas.

– O rapaz tem um talento nato, não tem? – comentou o velhote, sorrindo de satisfação, quando o Raul desceu em voo picado e passou, a rasar, sobre as suas cabeças, antes de pousar de novo no chão, com um sorriso de orelha a orelha. O bando bateu palmas e gritou vivas, e a *Dóris* soltou um sonoro uivo.

– Vocês são muito talentosos! – elogiou o velhote, erguendo a voz. – E esses vossos dons serão muito úteis para a missão de que vos vou falar!

– Então é o meu talento e o do Zé? – perguntou a Flor, parecendo um bocadinho enciumada.

– O vosso dom será especialmente importante! – garantiu o velhote.

– Mas, afinal, qual é a missão? Conta-nos! – implorou a Flor.

O Zé observava atentamente o avô.

– Quando estávamos no outro mundo, disse-me que tinha feito uma promessa a um velho amigo... – lembrou.

– É verdade – confirmou o velhote.

– Que amigo? – gritou a Flor.

– O *Jumbo*.

– O elefante? Do lar dos animais? – perguntou a Flor, arregalando os olhos.

– O próprio. Vou levá-lo comigo – disse o pai. – Vou levá-los *todos* comigo!

– Todos, quem? – quis saber o Bruno, meio baralhado. – Quem é que quer levar consigo?

– Os animais – esclareceu o velhote. – Todos os animais do lar. Vamos libertá-los e, depois, vou levá-los comigo para o outro mundo.



O PLANO DO AVÔ!

O velhote fitou o pequeno bando diante dele, e eles fitaram-no de volta. Nisto, o Bruno deixou escapar uma gargalhada, e escangalharam-se todos a rir.

– Essa foi boa! – disse o Raul. – Quase nos enganou!

A risota cessou passado alguns segundos, quando o Zé reparou que a expressão do avô não mudara.

– Não está a falar a sério, pois não? – perguntou-lhe.

– O mais a sério possível – respondeu o avô. – Eu prometi ao *Jumbo* que voltaria para o levar comigo. E eu nunca quebrei uma promessa. Nunca!

– Vamos levar o *Jumbo* connosco? – gritou a Flor. – Isso é uma ideia fantástica!

O Zé sentiu um súbito aperto de pânico no estômago. A Flor parecia animadíssima com a ideia de partir para o outro mundo. Mas ele não suportaria perder a mãe novamente e não se conteve.

– Não! – gritou, sem pensar. – Isso não!

Fez-se um silêncio repentino e todos se viraram para ele.

– Quer dizer, o senhor não pode fazer uma coisa dessas! – exclamou o Zé, tentando disfarçar a argolada. – Não pode simplesmente levar o *Jumbo* e o resto dos animais consigo!

– Porquê? – perguntou o avô.

– Porque é uma ideia maluca! – exclamou o Bruno. – Vamos ser apanhados! De certeza que há câmaras de vigilância!

– Então temos de arranjar maneira de as desligar, certo? – argumentou o velhote.

– E como é que vamos tirar de lá os animais? – perguntou o Raul. – As jaulas estão trancadas.

– Isso é fácil – disse o velhote. – Roubamos as chaves do pai do Zé.

– O quê? – alarmou-se o Zé.

– Perfeito! – disse a Flor.

– Bom – volveu o velhote, batendo as palmas das enormes mãos, como se o assunto estivesse arrumado. – Todos prontos?

– Sim! – declarou a Flor, dando um salto.

O Bruno e o Raul também já pareciam bastante entusiasmados. O Zé era o único que olhava, ora para uns, ora para outros, em choque.

– Ótimo! – exclamou o avô. – Sigam-me!

O velhote saiu apressado do salão e desceu as escadas, batendo com as suas

botifarras por ali abaixo: *PUM! PUM! PUM!*

O bando seguiu atrás dele e, ao fundo da escada, viraram para a divisão à esquerda. O velhote abriu a porta de supetão e entrou no quarto que o Zé descobrira quando explorara a casa, com a sua cama de dossel e a pequena casa de banho. A cama, a banheira, a sanita, tudo estava tomado pela hera.

– Esta era a sua cama? – perguntou o Raul, olhando embasbacado para as trepadeiras que se enrolavam no colchão e trepavam pelos quatro postes acima.

– Como assim, *era*? – disse o velhote. – Continua a ser. Ainda ontem dormi nela!

– Dormiu *naquela* cama ontem à noite? – espantou-se o Bruno.

– Sim, qual é o problema? – perguntou o velhote.

– Está coberta de folhas e trepadeiras! – exclamou o Bruno. – E se o estrangulassem? Aposto que ia arrepender-se!

– Ah, a hera jamais me faria mal – garantiu o avô, continuando a deambular pelo quarto, como se procurasse alguma coisa. – Nem a mim, nem a ninguém. Tem uma natureza gentil e regeneradora. Prefere brincar connosco, mais do que qualquer outra coisa! E está sempre a ouvir-nos.

– A ouvir-nos? – perguntou o Raul, de sobrolho franzido.

– Oh, sim – confirmou o velhote. – Por vezes, até faz o que lhe pedimos.

– Mostra-nos! Por favor, pai! – implorou a Flor.

O velhote bufou, como se o estivessem a interromper com ninharias.

– Ai, ai, ai – suspirou, abanando a cabeça. – Não temos tempo para isto, mas, se insistem em empatar os planos com este chorrilho de perguntas, suponho que não me resta alternativa!

Bateu as palmas três vezes e, no mesmo instante, a hera começou magicamente a desenrolar-se do colchão e a deslizar para longe da cama.

A *Dóris*, que os seguira até ao quarto, fugiu dali a sete pés, mal a hera começou a recuar obedientemente, deixando ver uma cama que até parecia bastante confortável.

– O que me dizem agora? – exclamou o avô. Não é nada má, pois não? Hum... onde diabos terá ido parar...?

O velhote levantou uma das almofadas, à procura de qualquer coisa.

– Ah! – gritou, de repente. – Ei-la!

Na sua mão, tinha uma chave dourada.

– Venham daí! – disse, dirigindo-se à pequena casa de banho.

O Zé perguntou-se o que iriam fazer à casa de banho. Era tão pequenina que tiveram que se ensardinhar para caberem todos lá dentro.

– O que é suposto estarmos aqui a fazer? – sussurrou o Bruno aos outros.

O velhote subiu para cima da sanita.

– Será que isto ainda funciona? – interrogou-se, e puxou com força a corrente que pendia ao lado da sua cabeça.

O bando esperou, em suspenso.

A princípio, nada aconteceu. Eis senão quando, se ouviu uma descarga de água

tão ruidosa como uma onda a rebentar.

– Pelo menos, as canalizações estão a funcionar! – disse o velhote.

– Não viemos aqui só para o ver puxar o autoclismo, pois não? – perguntou o Raul.

– Longe disso! – respondeu o velhote, saltando da sanita. E agachou-se, parecendo, mais uma vez, procurar alguma coisa.

A *Dóris* começou a farejar o chão.

– Há aqui qualquer coisa... – ladrou.

– Há, sim, senhora! Que cadela esperta! – elogiou-a o velhote, enfiando a chave num pequeno orifício recortado no chão. Depois, rodou-a e abriu a porta de um alçapão.

O bando espreitou por cima do ombro dele.

– É um alçapão! – grito o Raul.

– É uma passagem secreta! – acrescentou o Zé, percebendo, de repente, o que estava a ver.

– A sério?! – exclamou a Flor.

– Parece muito escuro, lá em baixo... – comentou o Bruno, espreitando, ansioso.

– Claro que está escuro! – disse o velhote, dando-lhe uma palmada nas costas.

– É uma passagem subterrânea! Ah, mas esperem só até verem o que lá há! Vamos!



O MAPA!

O Zé sabia que devia estar preocupado com a possível partida da Flor para o outro mundo, com o plano ridículo do avô e com a perspectiva de roubar as chaves do lar ao pai para libertarem todos os animais. Mas, ao descer a escada para a escuridão subterrânea, não conseguiu evitar um arrepio de entusiasmo.

– O nosso próprio esconderijo subterrâneo! – sussurrou-lhe a Flor ao ouvido.

– É uma parte secreta da casa – disse o pai, continuando a descer os degraus. – Nunca ninguém aqui esteve antes, tirando eu, claro.

– Não se esqueçam de mim! – ladrou a *Dóris*, do cimo da escada, observando-os pela abertura.

– Anda cá, *Dóris* – disse o Bruno, esticando-se para lhe pegar ao colo.

– Eu não fazia ideia de que isto existia! – exclamou a Flor.

– Vais perceber que há muito por descobrir nesta casa – disse o velhote, e piscou o olho ao Zé.

O Zé olhou em volta para o corredor subterrâneo e sentiu um intenso formigueiro de nervoso que se estendeu da barriga até aos dedos dos pés. E, então, avistou uma porta à sua direita.

– O que é que há do outro lado? – perguntou ao avô.

– Muitas coisas misteriosas e belas – respondeu o avô. Quando abriu a porta, um clarão multicolor iluminou a escuridão. – Venham daí. Não temos o dia todo. – E conduziu o bando através da porta.

– Que sítio é este? – perguntou o Raul, fazendo uma festa reconfortante na cabeça do *Chico*, que espreitava do interior do seu casaco.

– Parece uma caverna mágica – disse a Flor.

O Zé reparou que uma das paredes estava forrada de prateleiras, todas elas contendo fileiras e fileiras de frasquinhos de vidro cheios de luzes cintilantes.

– São iguais aos frascos de onde tirámos os nossos poderes! – exclamou o Bruno. – Pensei que já não havia mais.

– Sim, a maioria dos que estavam lá em cima, na casa, partiram-se durante a tempestade – contou o velhote. – E foi por se terem entornado que cresceu aquela hera mágica e se abriu o portal. Felizmente, tinha alguns armazenados em

segurança aqui em baixo!

– São tão bonitos! – disse a Flor, olhando ao redor. – Também têm dentro rebuçados *quebra-dentes*, como os que nós encontramos?

– Este tem um fumo esquisito – comentou o Raul, pondo-se em bicos de pés para inspecionar um dos frascos.

No interior, havia uma espécie de gás brilhante, incandescente. Pareciam flocos cintilantes de fumo verde-avermelhado.

– Alguns deles são esferas sólidas, outros são líquidos e outros apenas uma fragrância vaporosa – explicou o velhote. – Depende do animal do qual provém a magia.

– Podemos experimentar um? – pediu o Bruno.

– Tudo a seu tempo – respondeu o velhote, despindo o seu longo sobretudo escuro e pousando-o na mesa, a seu lado. – Primeiro, quero mostrar-vos uma coisa.

E dirigiu-se, em passos largos, à outra ponta da divisão, onde se via pregado na parede um grande póster.

– Passei metade da noite a fazer isto! Tive de desenhá-lo de memória, mas acho que está bastante preciso! – disse, acendendo um pequeno candeeiro pendurado acima do póster.

– É um mapa! – gritou o Raul.

– Sim, mas não é um mapa qualquer! – disse o velhote.

O Zé aproximou-se e viu uma série de caminhos marcados e blocos quadrados com nomes de animais escritos lá dentro.

– É um mapa do lar de animais – reconheceu.

– Acertaste em cheio! – confirmou o avô. – Conheço todos os cantos à casa, melhor do que a palma da minha mão! – O avô andava de um lado para o outro, agitando os braços, muito animado. O Zé quase conseguia ver as engrenagens a girar dentro da sua cabeça, à medida que engendrava um plano. – Primeiro, precisamos de saber quando a tempestade vai parar.

– Segundo o que ouvi no rádio, ontem à noite, será a amanhã de manhã – informou o Zé.

– Então, está resolvido – disse o avô. – Invadimos o lar dos animais esta noite!

– *Hoje?* – quase se engasgou o Zé.

– Claro! – exclamou o avô, saltando que nem um louco. – A tempestade termina amanhã de manhã e, quando isso acontecer, o portal fecha-se! – Pegou numa cana de bambu comprida que estava ao lado e agitou-a enfaticamente no ar. – Bom – prosseguiu, passeando para cá e para lá, em frente ao mapa –, o plano é chegarmos ao lar à meia-noite, por isso vocês os três têm de arranjar maneira de se escapulirem de casa sem que os vossos pais percebam.

– É canja! – disse o Bruno. – Já estamos habituados.

– Perfeito! – exclamou o velhote, e espetou a cana de bambu no peito do neto. – Tu tens de roubar as chaves do teu pai antes de ires para a cama e trazê-las contigo.

O Zé não estava nada satisfeito com a ideia, mas achou que aquela não era

altura para protestar.

– E não te preocupes – voltou o avô –, é apenas um empréstimo. Ele terá as chaves de volta num instante.

– Sim, mas não vão servir-lhe de muito, depois de todos os animais serem libertados! – argumentou o Zé.

– Uma coisa de cada vez – disse o avô, nitidamente pronto para passar à fase seguinte do plano. – Assim que entrarmos, eu corto a eletricidade, o que vai resolver o problema das câmaras de vigilância.

O Zé mal podia acreditar nos seus ouvidos, mas viu a Flor, o Bruno e o Raul a assentirem com a cabeça a cada palavra do avô.

– Zé e Flor, vocês ficam com as chaves da zona central do lar – continuou o velhote, batendo com a cana no meio do mapa. – É onde está a maioria dos animais. Comecem pelos pássaros: corujas, cegonhas, flamingos e por aí fora. Depois, dão a volta ao recinto dos macacos até aqui, à zona dos animais de quinta: burros, galinhas, patos, porcos. Não se deixem afetar pelo cheiro nem deixem aqueles gansos refilões dificultarem-vos a vida. Com o vosso extraordinário dom da linguagem, aposto que os põem na ordem em três tempos!

O Zé virou-se para a Flor, nervoso, mas ela não parecia minimamente perturbada: assistia à apresentação com uma expressão maravilhada.

– Quanto a ti, Bruno – prosseguiu o velhote –, ficas com as chaves da orla exterior. Nesta zona, os cercados são mais espaçados para que os animais, como as girafas, as zebras e os cangurus, possam vaguear à vontade. Tens uma área maior para percorrer, mas com a tua supervelocidade conseguirás abrir todos os cercados em menos de um fósforo!

O Zé percebeu que o avô ia ficando cada vez mais entusiasmado à medida que o plano era revelado.

– Assim que os animais saírem dos respetivos recintos, têm de conduzi-los até ao portão principal, o que pode não ser tão fácil quanto parece! Raul, meu bom rapaz, vamos precisar da tua ajuda para esta tarefa. Serás os nossos olhos vigilantes no céu! Podes guiar-nos e avisar-nos se algum animal estiver escondido ou a dormir ou se aparecer algum visitante humano indesejado...

– Posso levar o *Chico*? – perguntou o Raul.

– Claro que podes! – exclamou o velhote. – Mas os dodós não voam, por isso tens de o manter bem aconchegado no teu casaco. Ah, e por falar em casacos, espero que tenham todos impermeáveis em casa, porque vamos apanhar uma chuva valente esta noite!

– E tu, pai, o que é que vais fazer? – perguntou a Flor.

– Vou cuidar do meu amigo *Jumbo*! E, quando estivermos juntos, iremos ajudar-vos a conduzir os restantes animais pelo portão principal até ao estacionamento, aqui... – Mais uma vez, deu uma portentosa bordoadada com a cana de bambu no mapa. – Em seguida, precisamos de convencer os animais a seguir-nos até cá acima!

De repente, a Flor deu um pulo no ar, soltando um grito sussurrado de alegria.

– Isto vai ser tão divertido! É a missão perfeita para o nosso bando secreto! Já imaginaram como os animais vão ficar felizes?

O Zé não disse nada, mas olhou fixamente para o avô. Custava-lhe a acreditar que aquele velho maluco achasse realmente que eles iam conseguir invadir o lar e libertar todos os animais, sem serem apanhados. Mesmo que os tirassem de lá, como raio é que iriam trazê-los até ao portal? O que iriam fazer? Conduzi-los em fila indiana pelo meio da vila? Já para não falar de que deixariam o pai desempregado. Era uma ideia estapafúrdia! E, no final de tudo, iria a Flor fugir para o outro mundo e desaparecer da vida do Zé para sempre? Todas estas perguntas e pensamentos andavam à roda na sua cabeça, como a roupa numa máquina de secar.

– O que é que se passa, rapaz? – perguntou-lhe o avô, que agora o fitava de volta.

O Zé sentia-se entre a espada e a parede. Tinha a cabeça zonha e o seu cérebro começara a derreter. Não sabia o que dizer.

– Tu queres ajudar, não queres? – perguntou-lhe a Flor, num tom de voz quase magoado.

– Claro que quero – garantiu o Zé, dando-se um instante antes de falar outra vez. – É só que... o meu pai jamais me perdoaria. Se deixar de haver animais no lar, ele fica sem trabalho. Estaríamos a tirar-lhe o emprego.

– Fui eu que lhe arranjei aquele emprego – disse o avô, com indiferença. – Ele certamente não se importará que lho tire outra vez.

– Foste tu que lhe arranjaste o emprego? – perguntou a Flor. – Nem sabia que o conhecias.

O avô ficou, de repente, com cara de quem acabou de engolir um inseto.

– Bom... eh... – gaguejou. – Não literalmente, mas quer dizer... – Agitou vagamente a cana no ar. – De qualquer forma, ele pode encontrar empregos muito melhores. Há de superar depressa este contratempo. Talvez se torne um grande marinheiro ou consiga um emprego numa daquelas fábricas de guloseimas e passe os dias a testar gomas e pastilhas elásticas! Foi o que eu sempre quis fazer!

– Esse parece o melhor trabalho do mundo! – exclamou o Raul.

– Iá, mas tu serias despedido logo no primeiro dia por comeres tudo – disse o Bruno.

Toda a gente se riu exceto o Zé, que estava com os olhos postos no chão. A Flor rodeou-o com o braço e encostou a cabeça ao ombro dele. O Zé ficou com um nó na garganta, tanto era o que não podia dizer-lhe e, por um instante terrível, achou que ia chorar.

A verdade, simplesmente, era que não queria que ela se fosse embora e não sabia se podia confiar no avô para não a levar. Afinal de contas, a Flor era tão filha dele como sua mãe.

O silêncio arrastou-se um bom bocado. O Zé ainda estava a tentar perceber o que dizer, quando o avô se ajoelhou à sua frente. Depois de o observar por um momento, falou num tom de voz bem mais suave e tranquilo.

– Diz-me, Zé, achas que é justo os animais viverem fechados naquele sítio?
– Não, mas é um lar para animais velhinhos que precisam de ser cuidados, certo? – argumentou ele.

– Não te parece que eles estariam bem melhor sem cancelas e jaulas?

Após uma breve pausa, o Zé assentiu com a cabeça.

– Eu também acho... – concordou o avô, com toda a calma. – Levei muito tempo a perceber isso. E sabes que mais? Creio que, no fundo, o teu pai pensa a mesma coisa.

– Ele disse-me que, às vezes, tem pena dos animais... – lembrou-se o Zé.

– Ora aí tens! – exclamou o avô.

O Zé olhou o avô nos olhos. Todo o seu rosto transbordava ternura e aventura.

– O que me dizes, meu rapaz? Vamos libertá-los?

O Zé voltou-se para a Flor, recordando as palavras do pai na noite anterior: a mãe sabia sempre a coisa certa a fazer.

– Achas que é isto que devemos fazer? – perguntou-lhe, fitando os seus enormes olhos verdes.

– Acho – respondeu a Flor, muito segura de si.

O Zé suspirou.

– Está bem... – cedeu, com o esboço de um sorriso a dançar-lhe nos lábios. – Vamos a isso!

A Flor rodopiou no ar e deu-lhe um beijo na cabeça.

– Oh, obrigada, obrigada, obrigada!

– Mas como é que vamos conseguir que os animais nos sigam até aqui? – perguntou o Zé.

– Ainda bem que perguntas! – exclamou o avô, começando a vestir o sobretudo. – Essa é a outra parte genial do meu plano! Acompanhem-me! Está na hora de atravessarmos a passagem!



O POMAR SECRETO

– Temos de nos despachar! – chamou o velhote, conduzindo-os da caverna mágica até ao final do corredor subterrâneo. – Deem as mãos e mantenham-se juntos. Não queremos que ninguém se perca aqui em baixo. Seria desastroso!

A Flor pegou na mão do Zé, e o Raul na do Bruno.

– Escolhe outra pessoa, seu totó! – resmungou o Bruno, dando-lhe uma sapatada.

O *Chico* soltou um grasnido zangado e fitou o Bruno, com olhinhos ameaçadores.

– Viste? – riu-se a Flor. – O *Chico* está a defender-te, Raul. Acha que és a mãe dele.

O Raul sorriu, orgulhoso.

– Que fixe!

– Pronto, maninho, agora já podes começar a usar as roupas da mãe – troçou o Bruno.

– Tu estás é com ciúmes por não teres um dodó bebé que te admire assim! – ripostou o Raul, e voltou costas, segredando ao ouvido do *Chico* coisas como «Não lhe liguês, *Chico*!» e «Eu tomo conta de ti!».

– Venham, crianças! – gritou o velhote. – Por aqui!

E lá seguiram pelo corredor subterrâneo, numa longa corrente encabeçada pelo velhote. O Zé avançava pela escuridão apertando com força a mão da Flor. À medida que se embrenhavam na passagem secreta, ia ficando mais frio.

Às tantas, a *Dóris* começou a farejar o ar.

– Hum, cheira-me a árvores e maçãs frescas! – ladrou.

– Há uma luz ao fundo do túnel, vejam! – exclamou a Flor, apontado para diante.

Mal acabou de dizer isto, o caminho começou a subir ligeiramente e, pouco depois, corriam para fora do túnel, emergindo à luz do dia.

Ao olhar em volta, o Zé percebeu que tinham ido parar ao quintal das traseiras da casa.

– Finalmente, chegámos! – anunciou o velhote.

Estavam rodeados de macieiras, no meio de um vasto pomar.

– Eu lembro-me deste sítio... – disse a Flor.

O pai pegou-a ao colo e sentou-a nos seus ombros.

– Costumávamos apanhar maçãs aqui, quando eras pequenina.

– Ei, eu ainda sou pequenina! – protestou ela, puxando-lhe a barba.

– Ah, claro! Óbvio que és! – riu-se o pai, olhando de relance para o Zé.

O Zé sorriu e não disse nada.

– É como um jardim secreto... – murmurou o Bruno, olhando ao redor.

– Exatamente – concordou o velhote. – O que é muito apropriado, porque está na hora da segunda parte do meu plano.

O bando fitou-o, aguardando ansiosamente pela peça seguinte do *puzzle*.

– Maçãs! – anunciou o velhote.

– *Maçãs?* – perguntaram todos, em uníssonos, confusos.

– Sim, maçãs! – repetiu o velhote. – Vamos apanhá-las para as levarmos connosco, logo à noite! Se há coisa de que os animais gostam, é de maçãs! É um verdadeiro petisco para eles. Inteiras, partidas, picadas... adoram o sabor! Eu costumava levar barris cheios delas para o lar, cada vez que lá ia. Pelo menos, até o rabugento do Nettles se tornar chefe! Depois disso, aquela besta cruel só os deixava comer legumes velhos e rançosos!

– Não acredito! Com uma casa cheia de magia, o seu melhor plano é usar *maçãs*?! – rabujou o Bruno.

– Olhem, encontrei estes baldes para as guardarmos! – exclamou a Flor.

– Sim, mas como é que vamos levá-las para o lar dos animais? – perguntou o Bruno. – Não podemos acartar baldes cheios de maçãs monte abaixo, certo?

Foi quando o Zé reparou que o avô estava encostado a qualquer coisa. A princípio, pareceu-lhe um enorme monte de adubo, com uma pilha de ramos de hera retorcidos no topo. Mas, quando o avô começou a retirar cuidadosamente as trepadeiras, o Zé apercebeu-se de que por baixo havia um lençol e por baixo do lençol um objeto volumoso.

O avô respirou fundo e anunciou:

– Preparem-se para ver algo deveras estupendo! É tão espetacular que até tenho medo de vos mostrar!

O bando permaneceu em silêncio.

O Zé sentia um formigueiro nas mãos, que ia mesmo até à pontinha dos dedos. Eis senão quando o avô puxou o lençol de um único golpe, como um verdadeiro ilusionista.

As quatro crianças pestanejaram.

– O que é isso?

– É uma nave espacial? – perguntou o Raul, de olhos esbugalhados.

– Como assim, o que é? – gritou o avô. – É o meu antigo Carocha!

– É um carro – observou o Zé.

– É uma lata velha! – corrigiu o Bruno.

– Uma *lata velha*? – indignou-se o velhote. – Como te atreves? Este é o mais precioso dos meus pertences! Comprei este carro em 1969 e nunca me deixou ficar mal!

O Zé tinha de concordar com o Bruno: era o carro mais podre que ele alguma vez vira na vida. Dava para perceber que costumava ser vermelho, mas agora estava quase todo coberto por grandes lascas de ferrugem acastanhada que, ao toque, tinham textura de lixa.

– Pensei que fosse mostrar-nos uma grande invenção ou qualquer coisa mágica! – protestou o Raul.

– Ah, não há nada mais mágico do que esta beleza! – respondeu alegremente o velhote. – Um clássico destes é pura magia! Vamos atestá-lo de maçãs até à borda! À noite, conduzimo-lo até ao lar e, depois de libertarmos os animais, usamos as maçãs para os atrairmos até aqui, ao cimo do monte!

– Então, as maçãs e um carro velho... é esse o plano? – perguntou o Bruno.

– Eu acho um plano genial! – apoiou a Flor. – De quantas maçãs precisamos?

– De todas! – respondeu o pai.

– Todas? – gritou o Bruno. – Como é que vamos fazer isso?

– Não me digam que um grupo talentoso, como vocês, com poderes tão incríveis, não consegue colher todas as maçãs de um pomar? – provocou o velhote.
– A julgar por aquelas nuvens, a tempestade não tarda aí. E parece que vai ser das grandes, por isso é melhor não perdermos tempo!



No mesmo instante, ouviu-se, ao longe, um ribombar profundo. O Zé olhou, ansioso, para as nuvens carregadas no céu.

– Já sei! – gritou a Flor. – Raul, tu sobrevoas o pomar e apanhas as maçãs do topo das árvores, e o Bruno corre super-rápido à volta para colher as de baixo! Eu e o Zé vamos buscar os baldes e apanhamos as que o Raul atirar lá de cima!

– Fantástico, Flor! – elogiou o pai. – Assim que os baldes estiverem cheios, despejamo-los no porta-bagagens do carro! Toca a mexer!

O Zé e a Flor foram a correr buscar um balde cada um, preparados para apanhar as maçãs. O Raul desapertou o casaco e pousou o dodó no chão.

– Toma cuidado, *Chico* – recomendou. – Não te afastes muito.

– *Piu!* – respondeu o *Chico*, olhando, com adoração, para o Raul, antes de se entreter a bicar as ervas do chão.

Sem demoras, o Raul disparou, então, em direção ao céu. Logo em seguida, o Bruno desapareceu no meio do arvoredo, a toda a brida, reaparecendo instantes depois com uma braçada de maçãs verdes luzidias. O Zé estava tão abismado com a velocidade do amigo, que ficou parado, a observá-lo.

– Fazes isto cada vez melhor, não é? – perguntou-lhe.

– Melhor e mais rápido, Zé-Barnabé! – respondeu o Bruno, com um sorriso matreiro. E, largando as maçãs no balde do Zé, zarpou outra vez.

O Raul estava agora a fazer manobras por entre os ramos retorcidos de uma macieira. Os galhos pontiagudos enganchavam-se na sua roupa como dedos engelhados de bruxa, mas ele não parecia importar-se. Lembrava um astronauta, flutuando numa nova missão para salvar o mundo.

– Estão prontos? – gritou, com os braços cheios de maçãs.

– Prontíssimos! – responderam a Flor e o Zé.

E, das alturas, choveram maçãs que entraram direitinhas no balde da Flor.

– Grande pontaria, Raul! – elogiou ela.

Quando o Bruno estava a regressar com mais um carregamento, uma maçã vinda de cima acertou-lhe em cheio na cabeça.

– Ei! – berrou ele, fulminando o irmão com o olhar. – Não teve piada!

– Teve um bocadinho! – ripostou o Raul, antes de voar para a árvore seguinte.

– O miúdo tem mesmo uma ótima pontaria! – comentou o velhote. – Não vos disse que conseguíamos?! Vamos apanhar estas maçãs todas num instantinho! Que contentes vão ficar os animais quando as virem! Enquanto eu estiver por perto, acabaram-se aqueles asquerosos legumes velhos e rançosos!

Por aquela altura, já estavam todos entusiasmados com a missão. Até a *Dóris* começou a apanhar uma ou outra maçã perdida e a depositá-la na bagageira, abanando freneticamente a cauda.

Continuaram a chover maçãs do alto. O Zé e a Flor corriam para a frente e para trás com os baldes, saltando por cima um do outro para as apanharem. Cada vez que os baldes ficavam cheios, iam despejá-los no porta-bagagens do carro e corriam de volta para os encher outra vez. Depressa se transformou numa competição para ver quem apanhava mais maçãs e, quando a última caiu do céu, o

velhote apanhou-a e deu-lhe uma valente dentada.

– Acho que está feito! – declarou, contemplando o porta-bagagens recheado de maçãs.

As quatro crianças juntaram-se a ele, satisfeitas, cansadas e ofegantes.

– Então é isto? O grande plano é um carro cheio de maçãs...? – repetiu o Bruno.

Havia um brilho intenso no olhar do velhote e um sorriso inteligente desenhou-se nos seus lábios.

– Bom, talvez uma ajudinha extra viesse a calhar... – disse, enfiando a mão no bolso e tirando de lá um pequeno frasco.



O FRASCO MÁGICO

O Zé observou atentamente o frasquinho de vidro espesso e escuro na mão do avô, sentindo uma onda crescente de entusiasmo. Estava tapado com uma rolha e, no seu interior, rodopiava uma substância cintilante.

– Onde é que arranjou esse frasco? – perguntou o Bruno, aproximando-se.

– É um dos da cave...? – murmurou a Flor, surpreendida.

– É pois – respondeu-lhe o pai.

– Tirou-o à socapa! – disse o Raul, olhando para os outros.

As quatro crianças reuniram-se em volta do frasco e um clarão de luz iluminou os seus rostos.

– É um *quebra-dentes*? – perguntou o Raul.

– Ou uma fragrância? – perguntou o Zé, lembrando-se das palavras do avô sobre o frasco que tinha a memória da padaria.

– Não, este é mais um gás – respondeu o avô. – Estão prontos?

Todos assentiram em silêncio, e o velhote tirou a rolha do frasco.

PLOP!

Um sopro cintilante de fumo colorido flutuou do interior do frasquinho e rodopiou em volta deles. Tinha simultaneamente um aroma adocicado de fruta madura e um cheiro intenso de terra molhada. O bando inspirou.

No mesmo instante, o Zé sentiu os olhos a lacrimejar.

– Faz cócegas! – exclamou a Flor, com um risinho estridente.

Numa questão de segundos, as cócegas transformaram-se em picadas e, de repente, os olhos do Zé encheram-se de clarões de luz quente e intensa, como fogo de artifício a rebentar atrás das suas pupilas. Embora não fosse uma sensação propriamente desagradável, o Zé sentiu necessidade de fechar os olhos com toda a força. E de um momento para o outro... a sensação desapareceu.

O Zé abriu os olhos e, para seu espanto, não viu nem sentiu nada de diferente.

– Está tudo igual... – disse, tentando disfarçar o desapontamento.

– Então? Qual é a ideia? – protestou o Raul.

O velhote deixou escapar uma risadinha, que depressa se converteu numa gargalhada e a gargalhada num uivo estridente, até que, a páginas tantas, ele já rebojava na relva de tanto rir, como se tivesse ouvido a piada mais engraçada do mundo. O bando ficou a olhar para ele.

– Deviam ver as vossas caras! – exclamou.

– Não era suposto acontecer qualquer coisa? – perguntou a Flor.

– Sim, minha adorada filha! – respondeu o pai, recompondo-se e limpando as lágrimas. – E vai acontecer! Sê paciente, minha querida, e eu prometo que tudo se tornará claro!

Nesse instante, o estrondear de um trovão ecoou no céu.

– Parece que a tempestade está a começar, o que significa que chegou a hora de vocês irem para casa e prepararem-se. Encontramo-nos aqui à meia-noite em ponto. Zé, não te esqueças das chaves!

E conduziu-os até ao fundo do pomar, onde havia um portão de ferro alto, soterrado sob um amontoado intrincado de trepadeiras. De novo, o velhote bateu palmas três vezes e a herá serpenteou para longe. Lentamente, o enorme portão começou a abrir-se de par em par.

– Vamos para casa, *Chico* – disse o Raul, pegando no dodó e embalando-o no colo como se fosse um bebé recém-nascido. – Estou esfomeado.

– Só pensas em comer! – resmungou o Bruno, quando atravessaram o portão. – Um dia, vais ficar tão gordo, tão gordo, que nem consegues sair de casa. Vais viver de *takeaway*!

– Acho ótimo! – exclamou o Raul, com a boca cheia de maçãs. – Adoro *takeaway*!

O Zé ficou a vê-los a afastarem-se com a *Dóris* a trotar atrás deles. Quando a Flor correu para se despedir dos dois irmãos, o Zé apercebeu-se de que era a primeira vez que estava a sós com o avô desde que tinham regressado do outro mundo. A sua mente foi instantaneamente assaltada pela batelada de perguntas que ainda queria fazer-lhe. Aquela podia ser a sua última oportunidade.

– O avô vai pô-la normal outra vez, não vai? – disparou, num sussurro.

O avô fitou-o por uns instantes.

– Ainda não falou com a Flor... – voltou o Zé. – Quando é que vai contar-lhe tudo e transformá-la de volta na minha mãe?

– Ah, meu rapaz, quem me dera que a magia fosse assim tão simples – respondeu o avô. – Mas não te preocupes. Está tudo sob controlo.

A última coisa que o Zé queria no mundo era perder de novo a mãe e sentiui apoderar-se dele um profundo desespero...

– Anda, Zé! – chamou o Raul, junto ao portão. – Vai cair uma bátega!

– Confia em mim, Zé – pediu o avô, quando a Flor regressou, piscando-lhe o olho.

– Até logo à noite, puto! – disse a Flor, dando o braço ao pai.

O Zé suspirou ao vê-los desaparecer no interior do túnel. Depois, girou nos calcanhares e seguiu atrás dos Buckley. O que mais podia fazer?

O céu estava agora carregado de pachorrentas nuvens negras.

– Vai ser uma tempestade brutal... – opinou o Raul, olhando para cima.

– Vai ser uma noite brutal... – disse o Bruno.

Contornaram a velha casa até às traseiras e saíram para o pequeno beco que levava aos seus quintais. O Zé sentia um aperto cada vez maior no estômago.

Perguntava-se se devia contar aos Buckley o segredo. Se quisesse revelar-lhes a verdade, aquele era o momento. Mas, antes que conseguisse dizer alguma coisa, o céu desabou e começou a cair uma chuva torrencial.

– 'Bora! – gritou o Raul. – Rápido!

E correram os três para casa, tentando cobrir a cabeça como podiam.

– Até logo, Zé-Barnabé! – despediu-se o Bruno, ao entrar com o irmão no quintal dos Buckley.



UM NOVO PODER!

– Dizem que esta noite vai ser uma das grandes! – disse o Sr. Broom, enquanto o Zé se enxugava e se sentava à mesa.

A mesa estava posta para o jantar, e o pai tinha na mão uma caneca fumegante de molho.

– Hoje não se fala de outra coisa nas notícias. Fiquem em casa! Tranquem as portas e as janelas! Podem ser atingidos por um raio!

– Achas que a tempestade vai ser assim tão má? – perguntou o Zé.

– Provavelmente, não – respondeu o Sr. Broom, sorrindo. – Eles gostam sempre de exagerar nas previsões meteorológicas. São peritos nisso! – Pousou a caneca em cima da mesa e sentou-se. – Fiz puré de batata com salsichas – informou. – Não encontrei a molheira em lado nenhum, por isso a caneca terá de servir.

– É perfeita, pai – disse o Zé.

Regou o puré com o molho quente e começou a comer. Estava faminto.

– Como é que correram os trabalhos de casa dos rapazes? – perguntou o Sr. Broom, atacando também o jantar.

– Trabalhos de casa? – questionou o Zé, mas, lembrando-se subitamente da desculpa que inventara na noite anterior, acrescentou: – Ah, sim! Correram bem. Conseguimos acabar tudo.



– Excelentes notícias! – exclamou o Sr. Broom, mastigando. – E eu acabei por não ir trabalhar. Decidi comprar uma comidinha especial e cozinhar um banquete para nós!

– Isso quer dizer que não vais voltar para o lar de animais? – perguntou o Zé.

– Logo se vê – respondeu o Sr. Broom. – Prefiro mil vezes passar o meu tempo contigo. Devíamos fazer mais coisas juntos. Só me preocupa deixar aqueles pobres animais com o monstro do Sr. Nettles. Sabes o que era bom? Raptá-los e trazê-los para aqui! Podiam viver no nosso quintal!

O Zé riu-se.

– Talvez os animais fiquem bem – disse, com um brilho no olhar.

O Sr. Broom suspirou.

– O Nettles Rabugento não cuida deles como eu. Ele não se importa nem um pouco com os animais. Só os alimenta com água e legumes podres. Pelo menos, quando estou lá ainda lhes vou dando pedaços de maçã. Mas tenho de as levar às escondidas, acreditas?

O Zé recostou-se na cadeira e fitou o pai.

– Tu dás-lhes maçãs?

– Podes crer que dou – confirmou o Sr. Broom. – Eles adoram! Foi o teu avô que me ensinou isso, quando comecei a trabalhar lá. Ele costumava levar carradas de maçãs e não se ralava nada com o que o Nettles tinha a dizer sobre o assunto. Ah, os bons velhos tempos!

– Como é que ele era? – perguntou o Zé.

– Quem? O teu avô?

O Zé anuiu.

O Sr. Broom parou um instante, com um sorriso nos lábios.

– Era apaixonado pelo que fazia. Adorava todos os animais e sempre foi dedicado aos residentes do lar. Punha-os acima de tudo e de todos. Exceto da tua mãe.

– Confiavas nele? – perguntou o Zé.

O Sr. Broom ergueu os olhos, bruscamente.

– Bom, com aquele homem nunca se sabia – confessou. – Ninguém conseguia decifrá-lo. Nem mesmo a tua mãe. Era impossível adivinhar o que tinha na manga! Era um homem cheio de supressas e de ideias inesperadas. Se tentássemos levar a melhor, reagia sempre com algo inesperado.

O Zé ouvia-o atentamente, sentindo-se cada vez mais ansioso.

– Mas adorava a tua mãe – acrescentou o Sr. Broom. – Faria qualquer coisa por ela. E eu também... – A sua voz sumiu-se.

O Zé esboçou um pequeno sorriso e durante uns segundo nenhum deles falou. Lá fora, a chuva continuava a bater nas janelas.

– Oh, tenho tantas saudades dela, Zé – desabafou o Sr. Broom. – Não há um dia em que não a imagine a entrar por aquela porta. Quão incrível seria...

O Zé desejou poder contar ao pai o que sabia, mas não podia. Não até ter a certeza de que o avô ia resolver tudo. O Zé e o pai continuaram a comer em silêncio. Quando terminaram, lavaram a louça e arrumaram-na meticulosamente nos armários.

– É melhor ires para a cama – disse o Sr. Broom. – São quase dez da noite.

– A sério? – surpreendeu-se o Zé.

Olhou para o relógio de parede e depois pela janela.

«Que estranho», pensou. Ainda estava de dia.

– É mesmo esquisito... – murmurou, entredentes, seguindo o pai até ao vestíbulo.

– Vá, toca a deitar, meu rapaz – disse o Sr. Broom. – Dorme bem! A ver se fazemos alguma coisa divertida amanhã!

O Zé subiu as escadas, ainda a tentar perceber por que raio não estava escuro lá fora. Assim que entrou no quarto e fechou a porta atrás de si, ouviu um *PAM!* bem alto na parede atrás da cama. Vinha do quarto dos irmãos Buckley. O Zé abriu a janela e espreitou para a direita. E, claro, lá estavam o Bruno e o Raul sentados no parapeito, com as pernas a balouçar no vazio.

– É bué estranho, não é? – comentou o Raul, que embalava o *Chico*, profundamente adormecido nos seus braços.

– Há tanta luz – disse o Zé. – Porque é que ainda não escureceu?

O Zé viu um coelho a saltitar no seu quintal e a desaparecer, repentinamente, por um buraco no canteiro. Foi quando lhe caiu a ficha.

– Deve ser o fumo mágico do frasquinho! – exclamou.

– Claro! – concordou o Bruno, dando uma palmada na testa.

– É o nosso novo poder! – acrescentou o Raul, radiante. – Temos visão noturna!

– Nã...! – duvidou o Zé.

– Podes apostar! – sussurrou o Raul, aos pulinhos no parapeito. – Consigo voar e tenho visão noturna! É melhor do que o Natal!

– Já tens as chaves? – perguntou o Bruno.

Mas, antes que o Zé pudesse responder, um grito estridente atravessou as

paredes da casa ao lado:

– Espero que estejam os dois na cama! Não torno a dizer!

– Vemo-nos à meia-noite, Zé! – sussurraram apressadamente os irmãos, descendo do parapeito e batendo com a janela.

O Zé suspirou. Agora cabia-lhe a ele encontrar o enorme porta-chaves do pai.



LADRÃO DE CHAVES!

O Zé fechou a janela e esgueirou-se para o patamar. Sem se deter, passou em biquinhos de pés pelo Óscar, que dormia debaixo do radiador do corredor. Conseguia ouvir o pai, a fazer barulho no andar de baixo, por isso enfiou-se rapidamente no quarto dele.

– O que é que andas a tramar? – perguntou-lhe o Óscar, com um bocejo.

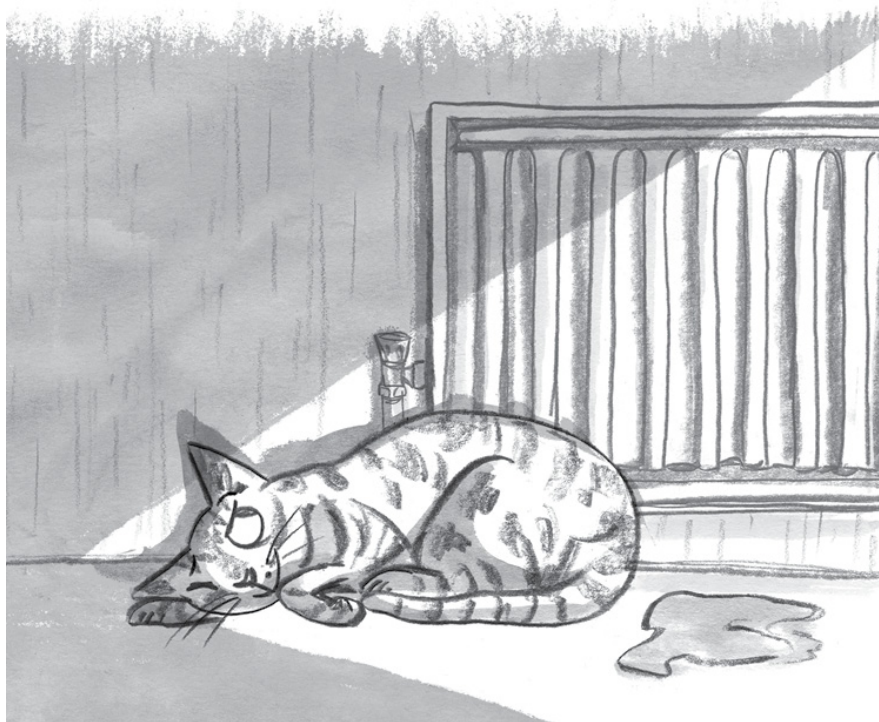
O Zé espreitou para o corredor e disse:

– Vou roubar as chaves do lar de animais. Vamos libertá-los todos. Não deixes o meu pai subir as escadas e, se ele tentar... impede-o!

O Óscar tornou a bocejar e retomou a soneca, não parecendo muito interessado no assunto.

O Zé sentia-se estranho por estar sozinho no interior do quarto do pai. Raramente lá entrava; a maioria das vezes, limitava-se a espreitar da porta, só para ver se o pai já chegara a casa. O quarto tinha o cheiro do pai e estava muito arrumadinho, não parecendo haver nada fora sítio. Então... qual seria «o sítio» das chaves?

Tentando não fazer barulho, o Zé começou a vasculhar o quarto. Abriu todas as gavetas e armários, mas não encontrou as chaves em nenhum deles. Até rastejou para debaixo da cama, também sem sucesso. Parou, então, e refletiu por uns instantes. Onde é que o pai as guardaria? «Talvez num bolso...», matutou. Mas as chaves estavam numa enorme argola de ferro demasiado grande para caber no bolso normal de umas calças. O Zé dirigiu-se, pé ante pé, ao guarda-roupa e abriu-o. Encontrando o fato-macaco velho e sujo do Sr. Broom lá pendurado, revirou todos os bolsos, mas das chaves nem sinal. Inspeccionou, em seguida, as restantes peças de roupa, na esperança de ouvir um tilintar. Nada... Eis senão quando, olhou para o fundo do armário e viu-as penduradas no cano de uma das botas do pai. O Zé pegou no molho, agradecido, surpreendendo-se com o seu peso. Eram dois aros unidos, cada um deles com umas 50 chaves, no mínimo.



Estava a fechar o guarda-roupa quando ouviu o som de passos a subir a escada. O pai vinha deitar-se! Sem largar as chaves, o Zé precipitou-se para a porta e escondeu-se atrás dela. Tinha o coração tão acelerado que o sentia pulsar na garganta. Se fosse apanhado em flagrante, tudo cairia por terra.

– Sai da frente, *Óscar*! – Ouviu o pai dizer. – O que é que estás a fazer, *Óscar*? Para com isso! Já lá para fora!

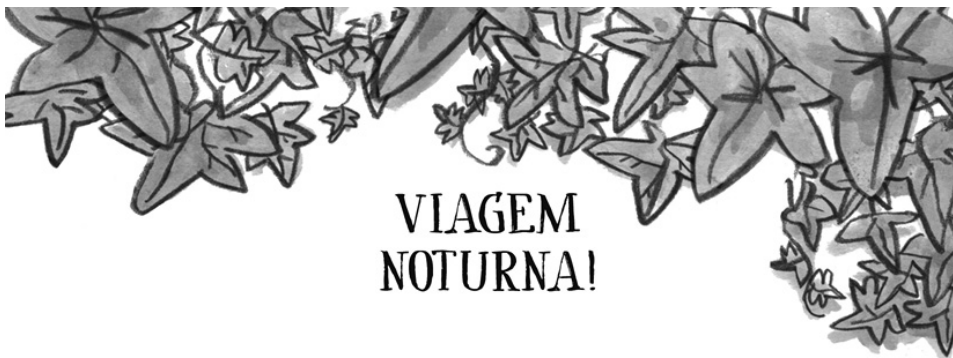
O que raio se passaria? O Zé percebeu que o pai estava a pegar no gato ao colo e, logo a seguir, ouviu os seus passos irritados a descer outra vez a escada.

– O que é que te deu, *Óscar*? – resmungou o pai.

Com toda a cautela, o Zé espreitou para o patamar. O caminho estava livre. Sorriu ao ver uma pequena mancha molhada na carpete.

– Obrigado, *Óscar*! – sussurrou, antes de correr de volta ao quarto e fechar a porta atrás de si.

Atirou a chave para cima da cama e foi buscar o impermeável. Agora, restava-lhe esperar.



VIAGEM NOTURNA!

O Zé pensou que a meia-noite não ia chegar nunca. Mas claro que chegou.

Uns minutos antes das 24h00, desceu sorrateiramente a escada e escapuliu-se pela porta das traseiras. Lá fora, a chuva continuava a cair e o ar estava fresco, mas não parecia ser de noite, tal era a claridade. Ainda não se habituara a conseguir ver tudo à sua volta como se fosse de manhã. Uma raposa parara no meio do relvado, observando-o com os seus olhos brilhantes. Ele nunca vira uma raposa tão de perto.

– Olá – sussurrou.

E a raposa acenou com a cabeça, antes de seguir o seu caminho, desaparecendo silenciosamente entre os arbustos.

Sem tempo a perder, o Zé puxou o fecho do impermeável, pôs o capuz e correu até ao fundo do quintal, o mais rápido que conseguiu na relva molhada e escorregadia, saindo disparado pelo portão das traseiras. Quando chegou ao beco, todo o seu corpo vibrava de entusiasmo. Chovia a cântaros, mas ele não se importou nem um bocadinho. Dava-lhe ainda mais pica! Correu sem parar até ao enorme portão traseiro da velha casa abandonada. De súbito, foi atingido por um clarão, vindo do nada. Semicerrou os olhos, ofuscado e, através da cortina de luz, avistou o velho Carocha estacionado no meio do pomar.

– Os faróis já funcionam! – gritou o avô, debruçado da janela do condutor.

O Zé dirigiu-se ao carro. Conseguia ver a Flor, o Bruno e o Raul sentados no banco de trás, no meio das maçãs, sorrindo de orelha a orelha.

– *Piu!* – fez o pequeno *Chico*, parecendo feliz da vida ao colo do Raul.

– Temos visão noturna, puto! – exclamou a Flor, aos pulinhos no assento. – Dá para acreditar?

– De que animal é que veio este poder? – perguntou o Zé, ao sentar-se no lugar do passageiro, ao lado do avô.

– É da minha amiga raposa – disse o avô, emproado. – Ainda deve viver algures nas redondezas.

O Zé sorriu para si próprio.

– Acho que me cruzei com ela no meu quintal.

– Ora aí tens! – declarou o avô. – Conseguiste roubar as chaves?

– Foi canja! – respondeu o Zé, exibindo-as, orgulhoso.

– Bom trabalho, meu rapaz! – elogiou o avô, dando uma palmada no tabliê. –

Então, vamos embora, não percamos mais tempo! A tempestade está mesmo em cima de nós... não tarda a passar!

O Zé pôs o cinto de segurança e o avô ligou o motor, com um valente estrondo. O carro arrancou e saiu disparado pelo enorme portão da velha casa abandonada, a uma velocidade alucinante. Os quatro passageiros agarraram-se aos bancos. Quando começaram a descer o monte, o Zé já não sabia bem se estavam a divertir-se à grande ou petrificados de medo. O avô ria-se, ao volante, como uma criança feliz, e metendo prego a fundo, gritou:

– Segurem-se!

O carro ziguezagueou pela vila, a uma velocidade cada vez maior, soltando baforadas de fumo, como uma locomotiva. O Zé calculou que já deviam estar perto e, de facto, não tardou a avistar as luzes do lar de animais. Reparou, então, que tinha as mãos a tremer. Iriam mesmo fazer aquilo? O Zé sentia-se como se fizesse parte de um bando de fugitivos tentando escapar à lei. Olhando de relance para o banco de trás, percebeu que não era o único com as emoções à flor da pele. Não podia negar que se sentia nervoso, mas, ainda assim, não havia lugar no mundo onde preferisse estar.

Pouco depois, o avô estacionava o calhambeque à porta do lar de animais.

– Chegámos ao nosso destino! – exclamou, desligando o motor.

– Foi a melhor viagem de carro de sempre! – gritou o Raul.

– Levamos algumas maçãs? – perguntou o Bruno.

– Encham os bolsos! – disse o avô, apeando-se e abrindo o porta-bagagens. – Guardamos as restantes para mais tarde. Toca a sair!

O bando encheu os bolsos de maçãs até não caberem mais e dirigiu-se aos portões da entrada. Nisto, o Zé reparou que o Raul trazia qualquer coisa amarrada ao pescoço. Era vermelha e ondulava de tal maneira ao vento que parecia erguê-lo na ponta dos pés. O amigo quase saltitava em vez de andar.



– Isso é uma... capa? – perguntou o Zé.

– É uma toalha – corrigiu o Bruno, revirando os olhos ao irmão.

– Eu acho-a o máximo! – elogiou a Flor. – Adorava ter uma!

– Esta noite, eu e o *Chico* somos super-heróis, não somos, *Chico*? – disse o Raul, tirando uma mão-cheia de passas do bolso para dar ao seu pequeno amigo. O *Chico* mordiscou-as e piou agradecido. Quando chegaram aos portões, o Raul entregou momentaneamente o pássaro à Flor para prender à cintura uma bolsa. – Isto é perfeito, *Chico*! – exclamou, pegando-lhe outra vez. E, com todo o cuidado, acomodou o dodó dentro da bolsa. – Pronto! Estás confortável? Aqui ficas seguro.

O dodó piou em resposta, aninhando-se na bolsa, com a cabeça a espreitar da borda.

– Muito bem – disse o velhote –, está na hora de avançarmos... Preciso das chaves, Zé.

Com a mão ligeiramente trémula, o rapaz entregou-lhas. O avô recebeu o seu antigo molho de chaves, com uma expressão solene, sentindo-lhe o peso durante o que pareceu uma eternidade.

– Sabe qual é a do portão? – perguntou-lhe o Zé.

– Claro que sei – respondeu o avô, devolvendo-lhe um dos aros. – Estas chaves eram minhas e eu marquei-as todas, vês?

O Zé olhou com mais atenção e ficou surpreendido ao ver que todas as chaves tinham colada uma etiqueta escrita na mesma caligrafia inclinada dos rótulos dos frasquinhos.

– Etiquetei-as para não as confundir – prosseguiu o avô. – Vamos lá ver... aqui está ela! – Pegou numa das chaves do conjunto que segurava e enfiou-a na

fechadura.

O ruído mecânico da enorme chave a rodar foi como música para os ouvidos dos invasores. O velhote abriu o portão e entraram todos.



A EVASÃO!

Assim que entraram, o velhote fechou o portão atrás deles e virou-se bruscamente para encarar o bando. Mexeu uns instantes no molho de chaves e depois entregou-o ao Bruno.

– Zé e Bruno, têm aí todas as chaves de que precisam – disse, calmamente. – Esta é a que *eu* preciso... – O velhote exibiu uma chave grande, que o Zé presumiu ser a do cercado do *Jumbo*. – Agora vou cortar a eletricidade, para não sermos apanhados pelas câmaras de vigilância. A seguir, vou buscar o *Jumbo* e encontramo-nos outra vez junto à saída principal. Boa sorte! Vocês são o melhor bando que eu já conheci, e têm a minha total confiança.

O Zé engoliu em seco, sentindo um aperto no estômago, mas apenas acenou com a cabeça ao avô.

No instante seguinte, o velhote já desaparecera.

O Raul respirou fundo e afagou cabeça do dodó.

– Este é o teu primeiro voo, *Chico*... – disse. – E vais adorar, confia em mim!

O *Chico* começou a piar animadamente e a baloiçar a cabeça felpuda para cima e para baixo, dentro da bolsa de cintura.

– Bora lá! – exclamou o Raul. E, sem mais, subiu disparado para o céu.

– *PIIIIIIIUUUUUUU!* – guinchou o *Chico*, no momento em que levantou voo pela primeira vez na sua inegavelmente curta vida.

O Zé e a Flor sorriram à parilha vendo-os desaparecer que nem foguetões, noite dentro.

Logo em seguida, o Bruno zarpou também, com uma rabanada de vento, deixando a pairar atrás dele um: «Boa sorte, malta!»

– Anda daí, putó! – sussurrou a Flor, entrando apressada pelo recinto.

O Zé cerrou os punhos e correu atrás dela. Juntos, avançaram pela ala principal do lar dos animais, com cercados de ambos os lados. Usando a visão noturna, o Zé foi destrancando os portões, um atrás do outro.

– Ei, pessoal! – sussurrou a Flor, através das grades.

– Quem são vocês? – piou alguém, do alto. – De onde é que saíram estes dois?

Três velhas corujas sábias, enfileiradas ao longo de um poste de metal, olhavam para eles, curiosas.

– Alto lá! – disse outra coruja. – Vocês são crianças! Não deviam estar aqui a esta hora. Perderam os vossos pais?

– Não, tonta! – riu-se a Flor. – Viemos libertar-vos!

– Libertar-nos? – perguntou a coruja, sacudindo as penas, com uma gargalhada. – Bom, bom, bom, não me parece, cara menina. Temo que estejas enganada.

– Não está, não! – interveio o Zé. – Vamos levar-vos a todos para um sítio melhor. Têm de ir rapidamente para a saída principal e esperar lá por mais instruções.

– Ir para a saída principal? – piou a última coruja. – Nunca ouvimos tamanho despautério!

– Vocês vão adorar! – exclamou a Flor. – Trouxemos maçãs e tudo!

– Não sou grande fã de maçãs – disse a primeira coruja. – Têm minhocas?

– De certeza que se arranjam algumas – insistiu a Flor. – Esperem por nós na saída e logo veremos o que conseguimos encontrar!

O Zé e a Flor correram até à cancela seguinte. Aqui e ali, começaram, então, a surgir cabeças de residentes, perguntando-se o que se estava a passar. O Zé e a Flor explicaram-lhes o que tinham de fazer e, em menos de nada já havia animais a vaguear por toda a parte.

O Zé olhou para trás e viu, a trotar ao longo da via principal, um porco gigantesco, do tamanho de um carro pequeno, soltando ruidosos grunhidos a cada passo. Ao mesmo tempo, saiu por outra cancela um grupo de macacos idosos, coçando a cabeça, confusos. Um deles coxeava, apoiado num pau torto. Mal o viu, o enorme porco parou. Logo em seguida, o macaco trepou para o dorso do porco, como quem sobre para um autocarro.

– Olha ali, puto! – exclamou a Flor, dando cotoveledas ao Zé e apontando para uma girafa muito alta que se aproximava pachorrentamente por entre a multidão de animais.

– Para onde fica a saída, por favor? – perguntou-lhes, curvando a cabeça.



- É por ali – respondeu o Zé, apontando para trás.
- Muito obrigada – agradeceu educadamente a girafa, e seguiu caminho.
- O Bruno já começou a soltar os animais da orla exterior! – comentou a Flor, com um sorriso radiante.

A parelha continuou a avançar apressadamente pela ala central do lar, destrancando uma cancela atrás da outra. Em menos de um fósforo, todos os cercados estavam abertos e os animais deambulavam, livres, para cima e para baixo ou baloiçavam-se descontraidamente nas cercas. Alguns pareciam satisfeitos, cantando e contando piadas, mas outros mostravam-se incomodados com a situação.

«São iguaizinhos às pessoas...», matutou o Zé.

Um lama branco, que passaria facilmente por uma ovelha muito alta, tagarelava com a família de suricatas que ia montada no seu dorso. Não muito longe, um velho urso rebolava na erva, cantarolando para si mesmo, feliz da vida. Um papagaio colorido desceu do céu e pousou no ombro de um enorme gorila, que olhava em volta, com um ar terrivelmente baralhado.

O Zé observava, absorto, o espetáculo ao seu redor, quando uma voz mesmo atrás de si perguntou:

– Isto tudo foi obra vossa?

O rapaz virou-se e deparou com uma alpaca, espreitando detrás de uma sebe. Tinha um tufo farfalhado de pelos grisalhos a tapar-lhe os olhos, e um focinho meio torto, como se alguém lhe tivesse acertado em cheio com uma frigideira.

– Consegues ver com esse pelo todo nos olhos? – perguntou-lhe o Zé.

– Claro que consigo ver! – ripostou a alpaca. E soprou a franja pelo canto da sua boca torta, revelando um olho vesgo. Não parecia nada satisfeita. – Posso perguntar porque é que escolheram logo esta noite para fazer uma coisa destas? – resmungou. – Custava muito esperar que a tempestade passasse? Estou gelado!

– Como é que podes estar gelado? – questionou o Zé. – As alpacas têm imenso pelo para se manterem quentes.

– Ah, é? – disse a alpaca, saindo de trás da sebe.

O Zé viu, então, que o animal não tinha quase pelo nenhum. Parecia completamente nu. O seu minúsculo corpo tremia fustigado pelo vento e pela chuva, lembrando um bezerro recém-nascido.

– Porque é que te raparam o pelo todo? – perguntou-lhe o Zé.

– Ninguém me rapou o pelo! – disparou a alpaca. – Caiu! Estou a ficar careca! É o que a idade nos faz, não sabias?! – E afastou-se pelo meio da multidão, resmungando. – Vocês jovens não dão valor ao que têm. Espera até chegares à minha idade!

O Zé viu-se obrigado a admitir que a chuva se intensificara. No céu, ouviu-se ribombar outro trovão. Estava cada vez mais frio e as árvores baloiçavam ferozmente, açoitadas pelo vento.

– Ei, malta! – chamou alguém do alto.

O Zé olhou para cima e viu o Raul a pairar perto de um dos cercados.

– O que é que há aí dentro? – gritou a Flor, enquanto corriam na direção do amigo.

– Flamingos! – gritou de volta o Raul. – São os únicos animais que ainda restam. Todos os outros já saíram. Mas parece que estes não querem ir embora!

O Zé e a Flor assentiram com a cabeça e entraram no cercado. Do outro lado de um lago pouco fundo, estavam quatro flamingos, hirtos como esculturas, debaixo de uma árvore frondosa.

– É melhor irmos falar com eles – sugeriu o Zé, caminhando com a Flor até ao lago, enquanto o Raul voava ao encontro deles.

– Porque é que eles ficam em pé só numa pata? – sussurrou a Flor, ao aproximarem-se dos flamingos, bem juntinhos naquela luz prateada.

– Para manterem a outra pata quente – sussurrou o Zé.

– E resulta? – perguntou a Flor.

– Acho que sim. – Continuaram a avançar cautelosamente. – Foi o meu pai que me explicou; ele sabe um monte de coisas sobre animais.

– Ei, vejam quem lá vem! – disse uma voz alegre, sob a copa da árvore. –

Temos visitas!

– Quem quer que sejam, por favor deixai-nos em paz – disse outro flamingo, ensonado. – Não vedes que descansamos?

Houve uma longa pausa, enquanto os enormes pássaros rosados davam bocejos e sacolejavam as suas penas.

– Viemos salvar-vos – anunciou a Flor.

– Salvar-nos? – riu-se o flamingo. – Não sei se já repararam, mas estamos mesmo no meio de uma tempestade feroz...

– Além disso – interveio outro flamingo –, somos demasiado velhos e decrépitos para perambularmos noite dentro com gente da vossa laia!

Os flamingos desataram a rir-se e a dar palmadinhas nas costas uns dos outros com as suas magníficas asas.

Nesse instante, o *Chico* piou dentro da bolsa do Raul.

– Mas que raio... – disse um dos flamingos, vendo a cabeça do *Chico* a espreitar. – Que tendes vós aí?

O flamingo da frente baixou lentamente a pata escondida e aproximou-se.

– Onde encontrastes tal pássaro? – perguntou, mirando o Raul.

– O que é que ele disse, Zé? – perguntou o amigo, pelo canto da boca, mas o rapaz não lhe respondeu.

– Ele não é daqui – disse o Zé ao flamingo. – Chama-se *Chico*. Encontrámo-lo noutro mundo. E viemos buscar-vos para vos levarmos para lá.

Os quatro flamingos curvaram imediatamente as cabeças.

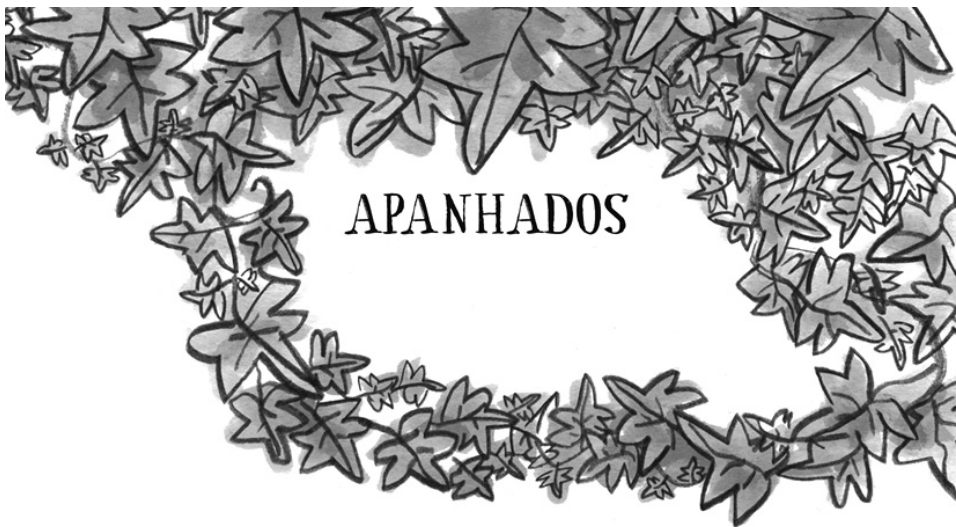
– O que é que eles estão a fazer? – sussurrou o Raul, ainda mais sério.

A Flor encolheu os ombros.

– Um pássaro de outro mundo! – disse um dos flamingos, erguendo lentamente a cabeça. – Deve ser um mundo e tanto, visto que tendes aí uma raridade. Nós reconhecemos um pássaro extinto quando vemos um pássaro extinto, e um pássaro assim tem de ser venerado. Tal reza a lei dos pássaros – declarou, sem tirar os olhos do *Chico*.

O ambiente tinha mudado drasticamente numa fração de segundo, e os flamingos estavam agora em sentido, qual batalhão de soldados.





APANHADOS

Todos os cercados estavam agora vazios e os animais, espalhados pelo recinto, trocavam olhares, parecendo muito confusos. Quando se pôs à escuta, o Zé ouviu-os murmurar entre si coisas como «Nunca vi semelhante coisa na minha vida!» e «Alguém faz ideia do que se passa?».

– Acho que estão todos! – gritou o Bruno, sprintando ao encontro dos amigos. – Ena! Isto parece um jardim zoológico!

– *Dah!* – respondeu o Raul.

O Zé sorriu e deu uma palmadinha nas costas do Buckley mais velho.

– Excelente trabalho, Bruno – elogiou.

– Ao que parece, vocês os dois também! – disse o Bruno, tentando recuperar o fôlego. – Continuas com essa toalha estúpida ao pescoço, Raul?

– É uma *capa* e, para tua informação, agora eu e o *Chico* somos deuses. É o que diz a lei dos pássaros! – revelou o Raul, inchando ao máximo o peito. Deu ao dodó outra passa para morder e acrescentou: – Saímos-nos lindamente, não foi, *Chico*? Éramos como super-heróis, a voar nas alturas!

– Vamos embora! – chamou a Flor. – Ainda não terminámos! Precisamos de os levar a todos até ao portão principal...

E desataram os quatro a correr que nem loucos de um lado para o outro, tentando reunir os animais e pô-los em marcha. Um enorme gorila apareceu, de repente, atrás do Zé e bateu-lhe no ombro com o seu dedo gigante. O Zé virou-se, alarmado, e olhou nos imensos olhos do primata.

– Olá... – cumprimentou, com um ligeiro tremor na voz.

O Zé sentia no alto da sua cabeça o hálito quente do animal, que o observava atentamente.

– Queria agradecer-te por me teres libertado – disse-lhe amavelmente o gorila.

O Zé ficou de olhos esbugalhados quando o ouviu falar. Era uma fêmea com uma voz suave e reconfortante. Parecia uma rainha africana.

– Foi um prazer – respondeu o Zé. – Sabe onde tem de se dirigir agora?

– Sei – disse ela, acenando gentilmente com a cabeça. – Perguntei ao javali.

Ele parece ter um sentido de orientação apuradíssimo.

– Fantástico! – declarou o Zé e ofereceu-lhe uma das maçãs do seu bolso.

A gorila aceitou-a, agradecida, e aproximou a casca da maçã das suas enormes narinas dilatadas.

– Que delícia! – exclamou. E seguiu no seu passo pesado em direção à saída.

– *Okay*, penso que estão todos bem encaminhados – gritou o Zé. – Vamos para o portão principal!

Com o seu objetivo à vista, o bando fervilhava de excitação. O Raul pairava sobre a manada, orientando-a do ar, enquanto o Bruno corria de um lado para o outro, como o cão-pastor mais veloz do mundo, não deixando ninguém para trás. Alguns animais caminhavam pachorrentamente, outros andavam aos encontrões, mas, pelo menos, iam todos na direção certa.

A Flor abriu caminho até um grande toco de árvore.

– Oiçam todos! – gritou em cima do toco – Continuamos até à saída e depois seguimos para o parque de estacionamento! Venham atrás de mim!

Os animais desembestaram no encalço da Flor, rumo à saída principal do lar. Mal dobraram a esquina, o Zé reparou que o portão estava aberto de par em par. Ele punha as mãos no fogo em como o tinham fechado depois de entrarem. Isso queria certamente dizer que o avô já lá chegara com o *Jumbo*. O plano funcionara às mil maravilhas! O Zé quase rebentava de orgulho e entusiasmo. Nunca sentira nada assim.

Já começara a festejar em pensamento, olhando em volta para os seus maravilhosos amigos e todos aqueles extraordinários animais, quando viu... o portão a mexer.

E eis que, para seu horror, percebeu que estavam dois guardas a fechá-lo.

– Flor... – gritou, tentando preveni-la, mas já não foi a tempo.

Um dos guardas já a agarrara e o outro apontava-lhe a lanterna à cara. Quando o Zé achou que a situação não podia piorar, viu o Sr. Nettles.



JUMBO!

O Zé não queria acreditar no que via, mas era verdade. Ali, bem diante dos seus olhos, estava o Sr. Nettles, de chinelos e roupão às bolinhas rosa-choque, com uma cara de assassino assustadora. Parecia que fora arrancado da cama e não ficara nem um bocadinho satisfeito. Fulminava com o olhar a multidão de animais, que começara a recuar para as sombras.

Os guardas puseram-se atrás dele, com um sorriso malicioso, batendo com as lanternas na palma da mão como cassetetes. Um era gordo, o outro era magro, e usavam uniformes idênticos, embora o gordo tivesse um boné de baseball enfiado na cabeça.

– Quem são estes idiotas? – rosnou o Bruno, cerrando os punhos. – Larguem já a Flor!

– Quem somos *nós*? – perguntou o Sr. Nettles, num tom ameaçador. – A questão é: quem são *vocês*? E o que fazem no meu lar de animais? Uma coisa te garanto, fedelho: daqui em diante, somos o teu pior pesadelo! Apanhem-no!

Mas tinham escolhido meter-se com o fedelho errado. Quando o guarda balofo se lançou ao Bruno, ele deu de frosques que nem um foguetão. Infelizmente, o Zé não fugiu a tempo: os guardas deitaram-lhe a mão e prenderam-no bem preso, juntamente com a Flor.

– Ei! – gritou a Flor, esperneando. – *Larga-me*, seu brutamontes!

– Uuuuh, olhem-me para esta! – troçou o guarda magro, ofuscando-a com a lanterna. – Temos aqui uma pequena rebelde, chefe!

– Deixem-na em paz! – rugiu o Zé, tentando libertar-se das mãos do guarda.

O Sr. Nettles baixou-se lentamente e encarou-o, exibindo a fileira inferior dos seus dentes amarelos e tortos. O seu bafo rançoso cheirava a um livro velho e bafiento.

– Ora, ora, ora! Quem é ele... Julgavas que nos tinhas passado a perna, hein? – zombou. – O estúpido do teu amiguinho pode ter conseguido escapar por agora, mas havemos de apanhá-lo, não te preocupes. – Fitou o Zé com os seus olhos minúsculos e o rapaz fitou-o de volta. – Porque é que tens os olhos desse verde esquisito?

– E porque é que o senhor usa esse roupão ridículo? – ripostou o Zé.

– Nós temos visão noturna – declarou a Flor, irritada. – Somos *raposas*.

O Sr. Nettles olhou para a Flor, completamente a leste.

– O que é que fazemos com eles, chefe? – perguntou o guarda balofo.

– Hum... Que tal vermos o que a polícia tem a dizer sobre isto? – sugeriu o Sr. Nettles, num tom bastante ameaçador, sorrindo com o rosto quase colado ao do Zé.

– Ou então chamamos o inútil do pai dele, que tal? Ou melhor ainda... – acrescentou, com um sorriso maquiavélico –, porque é que não os atiramos para uma das jaulas e deitamos fora a chave?

– Essa é boa, chefe – riu-se o guarda fininho. – Sim, vamos prender os fedelhos e vê-los espremer.

– Vocês são umas grandessíssimas bestas! – berrou a Flor.

– Pois somos, e é bom que não te esqueças disso! – gritou o guarda mais gordo.

Nesse preciso momento, caiu do céu uma maçã que acertou em cheio na cabeça do guarda, com um baque surdo.

– Au! – gritou o gordinho.

E, logo em seguida, foi o magrinho quem gritou, ao apanhar também com uma maçã celestial. Quando olharam para cima, tentando descobrir de onde viera o ataque, os guardas largaram momentaneamente o Zé e a Flor.

– Na *mouche*! – exclamou, o Raul, lá do alto, depois de voar direito ao Sr. Nettles e lhe dar uma sapatada de pés juntos no cocuruto.

– Aaaa! – brandou o Sr. Nettles. – Que diabos foi isto?

Num piscar de olhos, o Bruno agarrou no Zé e na Flor pela mão e arrastou-os dali para fora, em busca de abrigo. Pararam, com uma derrapagem, atrás de uma árvore robusta e agacharam-se.

– Obrigado por nos salvares, Bruno! – agradeceu o Zé.

– Não me agradeças a mim! – respondeu o Bruno. – Foi o meu irmão!

Nisto, o Raul aterrou ao lado deles e a Flor abraçou-o com toda a sua força.

– És o meu herói, Raul! – exclamou.

– Onde é que vocês se meteram, seus pirralhos detestáveis? – gritou o Sr. Nettles, enquanto os focos das lanternas os procuravam na escuridão. – Mais vale aparecerem agora. Vocês sabem que, mais cedo ou mais tarde, havemos de vos encontrar e quando isso acontecer...

Nesse momento, o Zé ouviu um barulho estranho e levou o dedo aos lábios, pedindo aos outros silêncio.

– Estão a ouvir aquilo? – sussurrou.

O bando pôs-se à escuta. Conseguiram ouvir, ao longe, um som ribombante que se ia tornando cada vez mais forte, como se estivesse a aproximar-se.

Junto ao portão, os guardas ainda coçavam a cabeça, olhando vagamente em volta.

– Que barulho é este? – perguntou o guarda balofo.

– Cala a boca! – irritou-se o Sr. Nettles, levantando-se a custo. – Vocês tratem mas é de encontrar os fedelhos! Vou ensinar àqueles pestinhas uma bela lição, nem

que seja a última coisa que eu faça!

Mas os guardas continuaram a olhar em volta, com uma expressão intrigada. A princípio, o som parecia o estrondear de trovões. A questão é que não vinha do céu... vinha do chão!

– Não estou a gostar disto... – disse o guarda magro, numa voz trémula. – Nem um bocadinho...

Eis senão quando, emergiu da escuridão um barrido ensurdecador.

O Sr. Nettles e os guardas giraram nos calcanhares, deixando instantaneamente cair as lanternas ao chão. Foi, então, que aconteceu algo extraordinário. Um colossal elefante, do tamanho de um autocarro, irrompeu dos arbustos, com um velhote montado no seu dorso.

– É o meu pai e o *Jumbo*! – festejou a Flor. – Vieram salvar-nos!

O Sr. Nettles ficou branco que nem um lençol, quando viu o *Jumbo* investir contra ele, fazendo estremecer o chão. Os olhos dos guardas arregalaram-se de medo ao observarem as patas da tremenda criatura batendo, a cada passo, com a potência de uma pequena bomba.

– Ele não parece nada feliz... – gritou o guarda magro, recuando.

O *Jumbo* tornou a barrir, agitando no ar a sua tromba gigante. Os dois guardas gritaram, aterrorizados, e largaram a correr por entre as árvores.

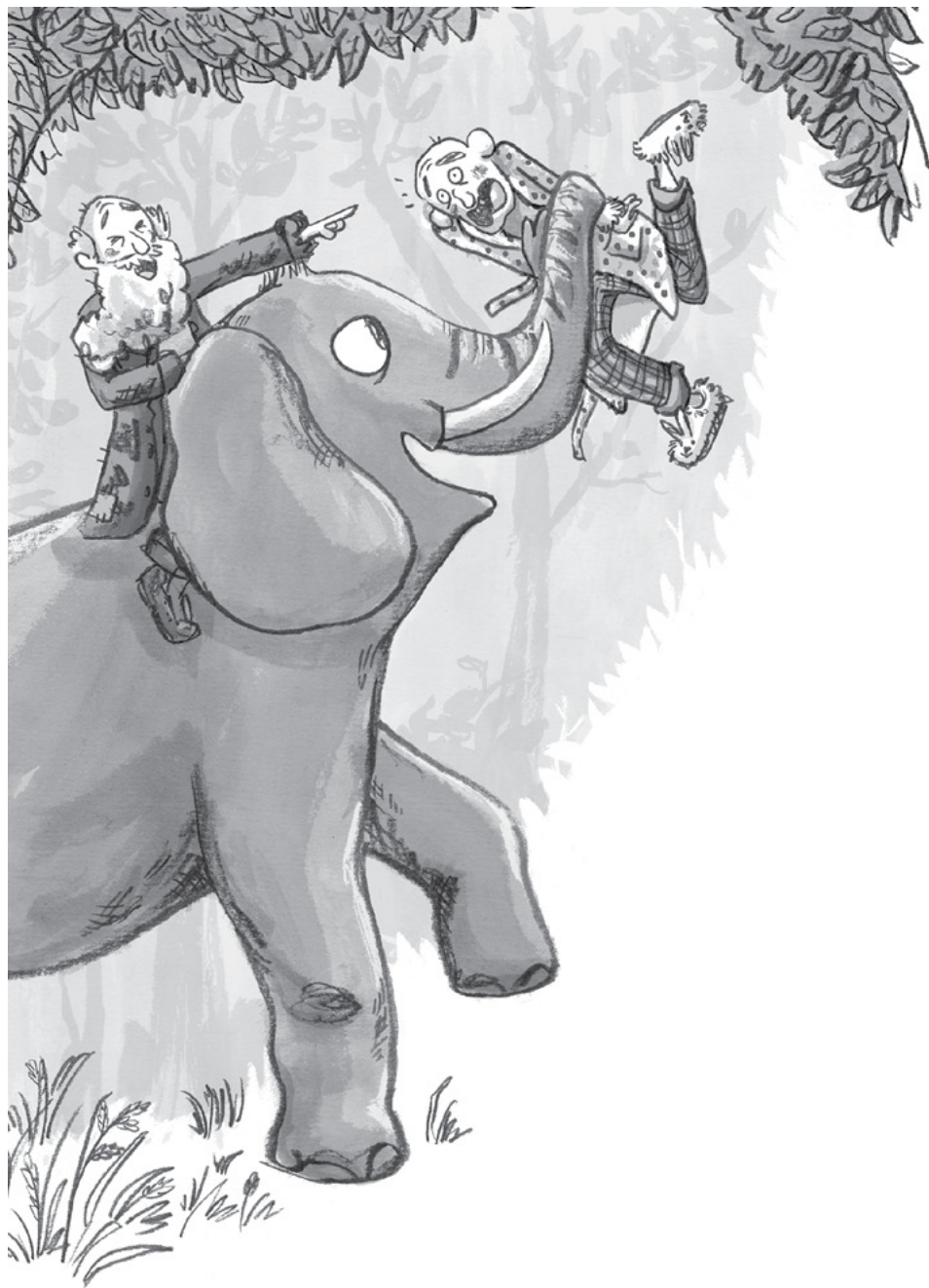
O Zé observava, embasbacado, o *Jumbo* a avançar direito ao Sr. Nettles, que parecia petrificado de medo. Quando o elefante e o avô pararam à frente dele, o homem tremia que nem varas verdes.

– Vamos livrar-nos deste traste, meu velho amigo! – gritou o avô.

E, em menos de um fósforo, o *Jumbo* enrolou a sua tromba grossa em volta do Sr. Nettles e ergueu-o no ar.

– Que ideia maravilhosa! – matutou o *Jumbo*. – Para onde é que o atiramos?

O Sr. Nettles berrava que nem um louco, esperneando em todas as direções.



– PÕE-ME NO CHÃO! PÕE-ME NO CHÃO!

Por aquela altura, o bando ria-se a bandeiras despregadas.

– Atira-o para cima de uma árvore! – gritou o Bruno.

– Atira-o para o lago! – gritou a Flor.

– Atira-o para uma jaula e deita fora a chave! – gritou o Raul.

O *Jumbo* fulminava o Sr. Nettles com o olhar, enquanto o homenzinho se debatia como um peixe preso no anzol.

– OH, POR FAVOR! POR FAVOR! – gritava. – NÃO ME MAGOES! POR FAVOR NÃO ME MAGOES! EU FAÇO O QUE QUISEREM!

Ignorando-o, o *Jumbo* caminhou pesadamente até uma das bilheteiras, ao lado da receção principal.

– Traz-nos cá as chaves, Zé! – chamou o avô.

O neto correu para a bilheteira, seguido pelo resto do bando. Mal destrancou a porta do cubículo, recuou para que o *Jumbo* pudesse atirar o Sr. Nettles lá para dentro. Depois, obedecendo a um sinal do avô, voltou a trancar a porta e lançou-lhe as chaves.

O Sr. Nettles deixou-se cair no chão, parecendo extremamente grato por estar trancado em segurança dentro do guichê.

– Acho que fomos demasiado brandos como ele – comentou o avô, sorrindo ao Zé, quando se juntaram aos outros. – Vocês são um bando genial! – elogiou, olhando em volta, radiante.

– Nunca tinha visto um elefante de verdade... – disse o Raul, contemplando o *Jumbo*, em êxtase.

– Este é o *Jumbo*! – apresentou o velhote. – É o meu melhor amigo no universo! Passámos juntos por tudo e mais alguma coisa, não foi, parceiro?

– Sem dúvida! – respondeu o *Jumbo*. – É extraordinário ver-te de novo! Nem acredito que, passado tanto tempo, o meu querido amigo regressou!

– Eu não te prometi que voltava para te vir buscar? – perguntou o velhote, afagando o tufo de pelos prateados no topo da cabeça do elefante.

– Não sei como vos agradecer por o terem trazido de volta, crianças! – disse o *Jumbo*, fazendo uma vénia graciosa ao bando.

– É bom ver-te de novo, *Jumbo*! – disse a Flor, fazendo-lhe uma festa na tromba.

– Também me alegra muito ver-te, minha querida menina! – respondeu o *Jumbo*. – E a ti também, Zé.

O rapaz sorriu e acenou timidamente com a cabeça.

– Perdão?! – Ouviu-se, das sombras, uma voz educada. – Peço desculpa por interromper, mas já é seguro sairmos?

O bando olhou para a zebra que enfiara a sua cabeça listada por entre os arbustos.

– É seguríssimo! – gritou o velhote. – Venham todos por aqui!



O CORTEJO DOS ANIMAIS

Dois minutos depois, uma longa fila de animais saía do lar para o parque de estacionamento vazio. O Zé desviou-se do caminho com um salto e ficou a ver aquela torrente infindável de criaturas de todos os tamanhos e feitios passar, apressada.

O parque de estacionamento estava agora apinhado de animais selvagens. Havia-os por todo o lado. Alguns, amontoados em grupos para se protegerem dos ventos tempestuosos. Outros, a passear para cá e para lá, como se nada fosse, observando o entorno, cheios de curiosidade. Relâmpagos imponentes tremeluziam silenciosamente no céu como gigantescos *flashes* fotográficos, e a chuva continuava a cair.

O Zé afastou o cabelo molhado dos olhos. Mal podia acreditar no que estava a testemunhar. Sentia-se completamente assoberbado pela magnitude de tudo aquilo. Mas sabia que ainda não terminara. Faltava convencerem os animais a subir o monte. A ideia de que eles os seguiriam obedientemente por ali acima parecia, no mínimo, absurda.

– E agora? – perguntou o Raul, com a toalha vermelha a esvoaçar furiosamente ao vento.

– Começamos a subir o monte de carro e fazemos figas para que eles venham atrás de nós? – sugeriu o Bruno.

– Precisamos de arranjar maneira de chamar a atenção deles... – matutou o Zé.

Ocorreu-lhe então uma ideia. Correu para o velho Carocha e, certificando-se de que ainda restavam maçãs no porta-bagagens, subiu para o capô e trepou até ao tejadilho. Depois, respirou fundo e clareou a garganta.

– Nós viemos aqui esta noite para vos salvar! – gritou. – E agora precisamos que subam o monte atrás de nós! Por favor, sigam este carro cheio de maçãs!

Os animais voltaram-se, olharam para o rapaz em cima do carro e aproximaram-se para tentarem perceber o que dizia.

– Ele falou em maçãs? – perguntou uma voz, vinda de trás.

– Acho que sim – respondeu outra.

– É isso mesmo! Nunca mais terão de comer legumes velhos e rançosos! – tornou a gritar o Zé. – Vamos levar-vos para um novo lar! Lá estarão em segurança. Não haverá jaulas nem pessoas para vos prenderem! Poderão correr e

brincar e... fazer o que bem vos apeteecer. Serão livres!

Os animais começaram a sussurrar entre si, dizendo coisas como «Parece um bom plano!» e «Açam que eles vão mesmo partilhar aquelas maçãs todas connosco?».

O Zé conseguia ver o *Jumbo* e o avô na ponta oposta do parque de estacionamento, conduzindo os últimos residentes pelo enorme portão e fechando-o atrás deles. O avô trazia debaixo do braço uma preguiça aparentemente adormecida e foi serpenteando por entre a vasta multidão de animais que lhe sorriam calorosamente.

– Olá, Hugo! – saudaram-no.

– Onde é que andaste estes anos todos? Tivemos saudades tuas...

– É tão bom encontrar-vos outra vez! – exclamou o avô, a caminho do carro.

O bando sorriu ao vê-lo pousar cuidadosamente a preguiça adormecida no banco do passageiro e pôr-lhe o cinto de segurança.

Entretanto, alguns animais tinham-se afastado e cochichavam entre si.

– Gosto muito de maçãs, mas aqui fora estou gelado e encharcado. Pelo menos, na minha jaula estava sequinho – dizia um.

Lentamente, o pequeno grupo começou a caminhar de volta para o lar.

– Continua, Zé! – incitou o avô. – Estás a sair-te lindamente!

– Oçam-me! – continuou a dizer o neto. – Eu sei que alguns de vocês estão cansados, molhados e com frio, mas se vierem connosco, prometemos levar-vos para um sítio sem jaulas e, *principalmente*, sem Senhores Nettles... Basta seguirem este carro... e estas maçãs deliciosas! Confiem em nós!

E, sem mais, a maré tornou a virar. Os animais que já iam a caminho do portão principal voltavam agora para trás, em direção ao Carocha.

– Temos de ir embora já, antes que eles desistam outra vez – gritou o Zé aos Buckley. – Bruno, põe-te no final da fila e não deixes o grupo dispersar! Raul, tu e o *Chico* vigiem-nos do alto e certifiquem-se de que nenhum fica para trás!

– Certo! – gritaram os irmãos, assumindo as suas posições.

– Está pronto? – perguntou o Zé ao avô, saltando do tejadilho do carro.

– Às tuas ordens! – gritou o velhote, atrás do volante.

Quando se virou, o Zé notou que a Flor o olhava com uma expressão que ele nunca vira antes.

– Quem é que te ensinou a ser um líder assim? – perguntou-lhe ela.

O Zé sorriu.

– Foste tu.

A Flor deu-lhe um abraço apertado.

– Vamos! – disse-lhe.

– Vocês os dois têm de ir no porta-bagagens! – disse o avô, destrancando a bagageira cheia de maçãs. – Pus todos os tresmalhados lá atrás!

O Zé e a Flor espreitaram pela janela do carro e viram que o banco traseiro estava cheio de animais, dormindo amontoados. Havia gambás sonolentos, coalas ferrados e até uma pitão gigante que passava pelas brasas enrolada sobre si mesma

numa bola gigante.

– Ainda bem que não estamos lá dentro – disse o Zé, sentando-se no porta-bagagens, rodeado de maçãs, com as pernas a balouçar para fora. – Não sou grande fã de cobras.

– Não? – perguntou a Flor, sentando-se ao lado dele. – Eu cá acho-as fantásticas, assim sibilantes e escorregadias!

– Prontos? – gritou o avô, da frente.

– Prontos! – gritaram em resposta o Zé e a Flor, do porta-bagagens, observando o mar de animais que se juntara atrás do carro, todos de olhos postos neles, expectantes.

O Zé atirou-lhes umas quantas maçãs.

– Terão muitas mais, se nos seguirem! – disse.

Os animais lamberam os lábios e aproximaram-se.

– Muito bem! – exclamou o avô, ligando o motor. – Vamos lá!

Ouviu-se, então, um estrondo monumental na parte de trás do Carocha, e os animais recuaram, sobressaltados.

– Desculpem! – gritou o velhote. – Bem, adiante...

O carro arrancou e seguiram viagem.

O Zé e a Flor foram largando as maçãs pelo caminho, uma atrás da outra, e ficaram radiantes quando viram os animais a apanhá-las.

– Está a funcionar! – exclamou a Flor, com um sorriso de orelha a orelha. – Eles vêm atrás de nós! Conseguimos! – Pegou na mão do Zé e apertou-a com força.

Com o coração a transbordar, o Zé retribuiu o sorriso e apertou-lhe a mão de volta.

O pequeno carro avançou pela vila silenciosa. Todas as lojas estavam fechadas, e todas as cortinas corridas, o que não era de estranhar dado o avançado da hora. A chuva incessante contribuía para que as ruas estivessem completamente desertas. Não havia gatos sentados nos muros nem raposas solitárias a atravessar a estrada. A vila inteira parecia ter-se escondido.

Mas, lentamente, começaram a surgir rostos curiosos, espreitando detrás das cortinas. Mais e mais janelas iam-se iluminando à passagem do cortejo de animais. Das portas que se abriam, pessoas de roupão assistiam, em choque, ao espetáculo diante dos seus olhos. Os vizinhos encolhiam os ombros uns aos outros, totalmente perplexos, enquanto o Carocha rolava pelas ruas, encabeçando uma longa fila de criaturas selvagens e exóticas. No final, seguia o *Jumbo*, com um ar extremamente satisfeito, acenando com a tromba aos muitos rostos curiosos que o viam desfilar. Toda a gente deve ter pensado que o circo chegara à vila.

Durante a meia hora seguinte, os passeios encheram-se de centenas de espetadores estupefactos, à chuva. Por toda a parte, as crianças corriam, em pijama, para os jardins das suas casas, apontando, maravilhadas, para o cortejo de animais. Os pais saíam, desarvorados, atrás delas e estacavam, também boquiabertos. Nunca ninguém vira nada de tão extraordinário. E nunca mais iriam ver.

Apesar de já ser de madrugada, o Zé não se sentia nem um bocadinho cansado. Era tudo demasiado empolgante. A chuva caía ainda mais forte e a água jorrava monte abaixo pelas sargetas, indo desaguar nos esgotos. O Zé estava agradecido pela porta aberta da bagageira, que lhe cobria a cabeça.

– Estamos perto! – avisou a Flor, erguendo a voz acima dos trovões e apontando para o cume do monte, mais adiante. – Mal posso esperar por estar no outro mundo com o meu pai e os animais! Vou andar montada no *Jumbo* o dia inteiro e depois vamos nadar no rio e ele vai borrifar-me com a sua tromba!

A cada palavra da Flor, o entusiasmo e a felicidade do Zé iam diminuindo. A pouco e pouco, foi invadido por um sentimento aterrador de desgraças iminente, que o inquietava e revirava o estômago. Apercebeu-se, então, de que podia estar prestes a perder a Flor para sempre. Não tinha escolha. Quando chegassem ao cimo do monte, já não haveria tempo. Tinha de lhe revelar o segredo, o quanto antes.

– Preciso de te contar uma coisa! – gritou à Flor, lutando por se fazer ouvir acima do estrondear dos trovões.

– O que é que disseste? – gritou a Flor, tapando os ouvidos, quando soou outro ribombar ensurdecedor.



– QUERO CONTAR-TE UM SEGREDO! – berrou o Zé.

– UUUH, ADORO SEGREDOS! – gritou a Flor. – QUAL É O SEGREDO?

O Zé olhou para ela, tentando decidir a melhor forma de lho dizer. Preferia não ter de gritar, mas era muito difícil fazer-se ouvir no meio daquela tempestade tremenda. Relâmpagos colossais rasgavam o céu ao seu redor e o estrépito dos trovões parecia atingi-los de todos os lados.

– É que... O que se passa é... – balbuciou o Zé, nervoso.

Mas a Flor deixara de o ouvir. Olhava, agora, para o cimo do monte, de boca aberta.

– Olha, puto! – gritou. – É o portal! Está a abrir-se!

Quando olhou para onde ela apontava, o Zé viu a velha casa, no alto do monte, banhada por uma maravilhosa luz cintilante.

O Zé conhecia aquela luz. Era a luz do outro mundo.



A FÚRIA DO SR. BROOM

Ao chegar ao cimo do monte, o Carocha parou no beco que levava à velha casa abandonada. O velhote desligou o motor e, nesse preciso momento, como que por magia, a chuva começou a abrandar. O trovejar foi esmorecendo e, a pouco e pouco, as nuvens de tempestade rolaram para longe.

O velhote saltou do carro.

– Depressa! – gritou. – Não temos muito tempo! – Chamou o *Jumbo*, que se dirigiu pesadamente ao carro, batendo as suas patorras retumbantes. – Preciso que abras caminho daqui até ao cimo daquelas escadas, parceiro!

– Deixa comigo! – respondeu o *Jumbo*.

E desembestou beco afora, atravessando, como um tanque, o velho portão de metal enferrujado. Com um golpe da sua enorme tromba, arrancou o túnel de hera.

O Zé e a Flor saltaram do porta-bagagens, aterrando na lama encharcada, e correram pelo portão, para assistirem à cena. Logo em seguida, o Raul e o Bruno juntaram-se a eles.

– O que é que ele está a fazer? – perguntou o Bruno, quando viu o portentoso elefante investir sobre a velha casa abandonada e arrancar a porta principal das dobradiças, o que fez desmoronar parte da fachada.

– Está a desimpedir a entrada, para todos os animais conseguirem passar! – gritou o velhote, animadíssimo. – O *Jumbo* é melhor do que um buldózer!

Protegendo os olhos com a mão, o Zé percebeu que dava para ver agora os degraus da entrada e o interior da casa, até ao vestíbulo. Uma nova investida do *Jumbo* e a parede que separava o vestíbulo da sala das traseiras desmoronou também, com um estrondo, deixando à vista de todos a parede do fundo e o portal, coberto de hera, para o outro mundo. A parede reluzia com uma luz dourada, exatamente como quando o Zé a atravessara no dia anterior.

Era uma visão extraordinária. Sem a fachada, parecia uma casa de bonecas, com um enorme elefante a deambular pesadamente lá dentro.

– O caminho está livre! – gritou o *Jumbo*.

E o velhote tratou de encaminhar apressadamente os animais escadas acima.

– Chegou o momento, pessoal! Subam as escadas em direção à luz! Estão quase lá! Isso mesmo, não parem!

A Flor e os Buckley observavam a operação, fascinados, mas o Zé sabia que não podia ficar ali parado, de braços cruzados. O tempo escasseava. Tinha de

confrontar, de uma vez por todas, o avô. Não podia deixá-lo simplesmente levar a Flor. E, reunindo toda a sua coragem, dirigiu-se a ele, num passo determinado.

– A Flor continua a achar que vai para o outro mundo com vocês! – disse-lhe, tentando falar baixo para que ela não o ouvisse. – Quando é que lhe vai contar? Eu confiei no avô! Não pode partir assim! Tem de transformá-la de volta!

– Dá-me só um momento, meu rapaz! – pediu o avô, continuando a acenar aos animais.

O Zé cambaleou para trás quando a longa fila passou entre eles. Eram tantos! Macacos trôpegos, um camelo coxo, emas, pinguins, cavalos, lémures... até um canguru saltitante.

– Para onde fica o outro mundo, por favor? – perguntou um lama ao velhote, parecendo algo confuso. – Sou um bocadinho surdo e não apanhei tudo.

– Sempre em frente, subindo as escadas em direção à luz – explicou o velhote, indicando o caminho. – Não há como enganar!

O Zé sentiu uma bolha ardente de raiva a ferver na boca do seu estômago.

– O avô é um mentiroso! – bradou.

E estava prestes a continuar a gritaria quando foi interrompido por uma voz ainda mais retumbante, vinda do fundo do beco.

– Alguém pode explicar-me o que se passa aqui?

O coração do Zé parou.

Era o pai.

– Zé? – interrogou o Sr. Broom, caminhando direito a ele, com os olhos a saltar-lhe das órbitas. – O que diabos estás tu... Estes são os animais do... O que fazem eles aqui? Eu... Eu nem sei o que dizer... Arranjaste-a bonita, meu rapaz!

O Sr. Broom estava cada vez mais furioso e não fazia a mínima ideia de como processar o que via. Quando parecia prestes a explodir, reparou no velhote e calou-se de repente, olhando para ele, boquiaberto, como que hipnotizado.

– Ah, olá, Alberto! – saudou o velhote, acenando-lhe. – Não te tinha visto aí! É um espetáculo e tanto, não é?

O Sr. Broom abanou veementemente a cabeça, como se tentasse acordar de um sonho. Foi quando apareceu a Flor.

– Esse é o teu pai, puto? – perguntou ela.

Ao vê-la, o Sr. Broom ficou lívido.

– Muito prazer em conhecê-lo, pai do Zé! – cumprimentou a rapariga, estendendo-lhe a mão. – O meu nome é Flor e este é o meu pai!

Durante alguns segundos, o Sr. Broom limitou-se a olhar para ela. As forças pareceram esvaír-se do seu corpo e o Zé perguntou-se se o pai iria desmaiar.

– Mas... como... – balbuciou o Sr. Broom, entredentes. – Não é possível.

– Tudo é possível, Alberto... – disse o velhote, com um brilhozinho no olhar.

Ao ouvir aquilo, o Sr. Broom despertou do transe. Virou a cabeça para o velhote e aproximou-se dele, com uma expressão grave.

– Que... diabos... se... passa? – perguntou, num tom lento e assustador. – Esteve *seis anos* desaparecido. Assim como a minha mulher. Nem eu nem o Zé

fazíamos ideia do que vos tinha acontecido e agora aparecem assim, do nada, cheios de sorrisos e sem uma explicação...

O velhote suspirou e deu uma palmadinha no braço do Sr. Broom.

– Muito bem, Alberto, tens razão – admitiu. – Está na hora de te dar algumas respostas...



A VERDADE

– A última grande tempestade foi exatamente como esta – começou o velhote. – E aconteceu há seis anos, como disseste. Vocês não se lembram disso – declarou, sorrindo ao Zé, à Flor, ao Raul e ao Bruno. – Mas eu lembro-me muito bem. Jamais esquecerei! A violenta trovoada abanou os alicerces desta casa e derrubou todos os meus frascos, que se partiram, derramando magia por toda a parte. Depois, veio a chuva torrencial e esta hera extraordinária começou a crescer. – Fitou o Zé e a Flor, parecendo mais sério do que nunca. – Foi então que surgiu o portal. Uma passagem para outro mundo. Jamais sentira uma coisa assim, um desejo incontrolável de descobrir o que havia do outro lado.

O Zé e a Flor ouviam atentamente cada palavra do velhote, enquanto o Sr. Broom olhava, ora para ele, ora para a Flor.

– Antes de atravessar, escrevi um bilhete à minha filha – prosseguiu o velhote –, explicando-lhe que voltaria... Logo em seguida, caiu um raio, e o portal abriu-se. Eu passei para o outro mundo e não demorei a descobrir que não podia voltar para trás. Não até haver outra tempestade. O portal fechara-se. Estava lá preso. Passei muitos meses a tentar regressar a casa, mas não consegui. Era impossível. Não que fosse um sítio horrível, longe disso, mas eu queria muito voltar para poder explicar tudo e levar os meus animais comigo. – O velhote ajoelhou-se em frente à Flor e pousou nela os seus olhos vivos e brilhantes. – Deves ter vindo à minha procura, Flor, mas, em vez de me encontrares, encontraste este frasco. – Tirou do bolso um dos seus pequenos frascos. Era o que o bando descobrira na primeira visita à casa, em cuja etiqueta se lia: «Flor na padaria. Aos 9 anos.»

– Esse foi o frasco que eu encontrei na casa! – exclamou a Flor. – Tem o meu nome escrito!

– É verdade! – disse-lhe o pai. – O que estava lá dentro era muito especial. Mas também muito perigoso.

– Perigoso, porquê? – perguntou a Flor.

– Porque a magia que guardava transformou-te outra vez numa criança.

– Como assim? – perguntou a Flor, franzindo o sobrolho, confusa.

– Dentro do frasco havia uma memória tua – explicou o pai. – Uma memória

espetacularmente perfeita de quando tinhas nove anos. Sempre sonhei em inventar algo assim. O *Jumbo* andava a ajudar-me. Estava a tentar capturar a memória dos elefantes e a descobrir uma maneira de preservar momentos especiais para que um dia pudessem ser revividos como se acontecessem pela primeira vez.

O Zé não conseguia tirar os olhos do avô.

– A verdade, Flor – disse ele, num tom suave –, é que capturei esta memória num frasco para que a guardasses, sem me dar conta de quão poderosa era a magia que continha. Uma magia inimaginável, capaz, não só de te despertar a memória de teres nove anos e comeres bolo ao pequeno-almoço, mas de te transformar de novo nessa criança, apagando todas as tuas memórias daí em diante.

– Eu n-não entendo... – disse a Flor, gaguejando ligeiramente.

– Eu sei – sossegou-a o pai. – Como é que podias entender, se até para mim é difícil? Acho que algumas magias são demasiado misteriosas... e perigosas.

Ergueu o olhar para o Sr. Broom, que permaneceu em silêncio.

– Desculpa, Alberto – disse o velhote, curvando a cabeça. – Peço-vos desculpa a todos. – Olhou para o neto, com uma expressão triste, e depois tornou a fitar os olhos preocupados da filha. – Só quero que saibas que não fizeste nada de errado, Flor, e que a culpa é apenas minha. Agora chegou a altura de corrigir o erro.

– Mas eu vou contigo na mesma, não vou? – perguntou a Flor.

O velhote fez sinal para que o *Jumbo* se aproximasse e, em seguida, olhou com ternura para a filha.

– Eu decidi... ir sozinho – declarou, a custo. – Eu já envelheci, mas, tu, minha querida, tens uma vida inteira à tua frente e precisas de estar com a tua verdadeira família.

– A minha família és tu! – protestou a Flor, sem entender.

O pai piscou-lhe o olho e pegou-lhe no queixo.

– Claro que sou – disse. – E serei sempre. Mas agora tens outra família.

A Flor ergueu os olhos quando uma imensa sombra se derramou, de repente, sobre eles. O Zé e o Sr. Broom recuaram para dar passagem ao *Jumbo*. O elefante sorriu afetuosamente à Flor e, a um sinal do velhote, usou a ponta da tromba para colher uma das suas próprias lágrimas, depositando-a gentilmente na face da menina.

– Agora vê... – sussurrou, fazendo a Flor encarar o Zé e o Sr. Broom – ... recorda.

A Flor olhou para o Zé e para o pai. Por instantes, pareceu muito confusa, mas, às tantas, inclinou lentamente a cabeça para o lado, como se estivesse a lembrar-se de alguma coisa, e os seus olhos foram-se arregalando cada vez mais.

O Zé e o Sr. Broom viram, embasbacados, a lágrima do *Jumbo* começar a brilhar e a crescer, a crescer, até envolver a Flor num suave brilho dourado.

Então, diante de todos, a Flor começou a transformar-se. As suas pernas foram-se tornando mais altas, os seus braços alongaram-se e assim continuou a crescer passando lentamente de menina a mulher. Era agora uma jovem de longos cabelos ruivos flamejantes.

O Sr. Broom caiu de joelhos.

– Não pode ser... – sussurrou o Bruno. – Ela é adulta!

– Por esta é que eu não esperava! – quase se engasgou o Raul.



DESPEDIDAS

O Zé observou a mulher à sua frente, de olhos arregalados. Nem podia acreditar que ela ali estava! Era mesmo a sua mãe. A mãe que nunca chegara verdadeiramente a conhecer. A mãe que tanto desejara encontrar durante todos aqueles anos. E, agora que o seu desejo se realizara, não fazia ideia do que lhe dizer.

– Ana? – disse o Sr. Broom, pondo-se em pé e aproximando-se lentamente dela.

– Olá, querido! – respondeu a mulher, com um sorriso rasgado. O Sr. Broom ria e chorava ao mesmo tempo, quando ela o abraçou. – É tão bom ver-te! Parece que não estamos juntos há... – A Sra. Broom calou-se e olhou em volta, com uma expressão baralhada.

Todos assistiam à cena, pasmados e expectantes.

Nisto, a Sra. Broom reparou no velhote.

– Ah, até que enfim, pai! – exclamou. – Andei à tua procura pela casa inteira! Onde é que te enfiaste este tempo todo? Estava preocupadíssima!

Foi então que viu o Zé, fitando-a com os olhos marejados de lágrimas.

– Zé...? – sussurrou. – Cresceste tanto... – Aproximando-se do filho, acariciou-lhe o braço, como se não tivesse a certeza de que ele era real.

O Zé estava tão atônito que não conseguiu dizer-lhe nada. Mas, quando a mãe o envolveu num abraço, ele fechou os olhos e apertou-a com toda a força.

– O que é que aconteceu a esta casa? – perguntou ela, parecendo só então reparar no que a rodeava. – E de onde saíram estes animais todos?

O Zé apercebeu-se de que estavam totalmente cercados de animais. Alguns já tinha atravessado o portal, mas muitos tinham parado para assistir ao desenrolar daquela cena emotiva e enxugavam agora as lágrimas com uma asa ou uma pata.

– Estamos a libertá-los! – explicou o Raul. – Não te lembras?

Ouvindo uma voz familiar, a Sra. Broom virou-se e esboçou um sorriso rasgado quando viu quem falara.

– Raul! – exclamou. – Oh, e olha o pequeno *Chico*! E o Bruno! Vocês estão aí!

Eu lembro-me de tudo! A sério! Nós libertámos os animais do lar, não foi?

– Podes crer! – exclamou o pai, aproximando-se com um sorriso radiante no rosto. – E agora chegou a hora de eu regressar.

– Vais-te embora? – perguntou a Sra. Broom.

– Olha-me para ti – disse o velhote, pondo-lhe as mãos nos ombros. – A minha pequenina está tão crescida!

A Sra. Broom puxou-o para si e estreitou-o nos seus braços.

– Nada de te preocupares comigo – disse-lhe o pai, dando-lhe palmadinhas nas costas. – Quero que me prometas isso. Vai correr tudo bem. Tu tens a tua família ao teu lado e eu tenho os meus animais. É assim que deve ser.

Depois, o velhote afastou-se e parou em frente ao Zé.

– Foi uma enormíssima honra, meu jovem – disse. – Alberto... aqui estão as tuas chaves! – O velhote atirou o gigante molho de chaves ao Sr. Broom. – Não que te sejam muito úteis agora! – acrescentou, com uma piscadela de olho. – Em seguida, entregou algo ao Zé e sussurrou: – Achei que isto podia interessar-te... é a chave da cave secreta, não vás precisar dela um dia...

Com um arrepio de entusiasmo, o Zé guardou a pequena chave dourada no bolso.

– Obrigado por... bom, por tudo – disse, ainda meio atrapalhado.

O avô despenteou-lhe o cabelo e enxotou os últimos animais em direção ao portal, antes de ir ao encontro dos Buckley.

– E adeus a vocês os dois também – despediu-se. – São uns miúdos cinco estrelas! Espero que se tenham divertido.

– Divertimo-nos à grande! – garantiu o Bruno.

– Foi espetacular! – exclamou o Raul. – Sempre quis ser um super-herói!

– E hoje foste – disse o avô. – Foram ambos.

Depois, de dentro da bolsa de cintura do Raul saiu um sonoro...

– *PIU!*

– É o pequeno *Chico* que estou a ouvir? – perguntou o velhote, curvando-se para fazer uma festa na cabeça do dodó.

O Raul deu um passo atrás e o velhote endireitou-se.

– Acha que... o *Chico* pode ficar aqui comigo? – perguntou o Raul. – Prometo que tomo muito bem conta dele! Vou construir-lhe uma casa grande no quintal e dar-lhe leitinho morno todos os dias!

O Bruno pousou solidariamente a mão no ombro do irmão.

– O *Chico* precisa de voltar para o mundo dele, Raul.

Depois de um curto silêncio, o Raul soltou um suspiro profundo. Apoderara-se dele uma tristeza que o Zé nunca antes testemunhara. Via no olhar do amigo que ele não queria separar-se do *Chico*.

Mas o Raul encheu-se de coragem e tirou o dodó da bolsa.

– Adeus, *Chico* – despediu-se, dando-lhe um beijinho na cabeça felpuda, antes de o entregar cuidadosamente ao velhote. – Prometo levá-lo à mãe?

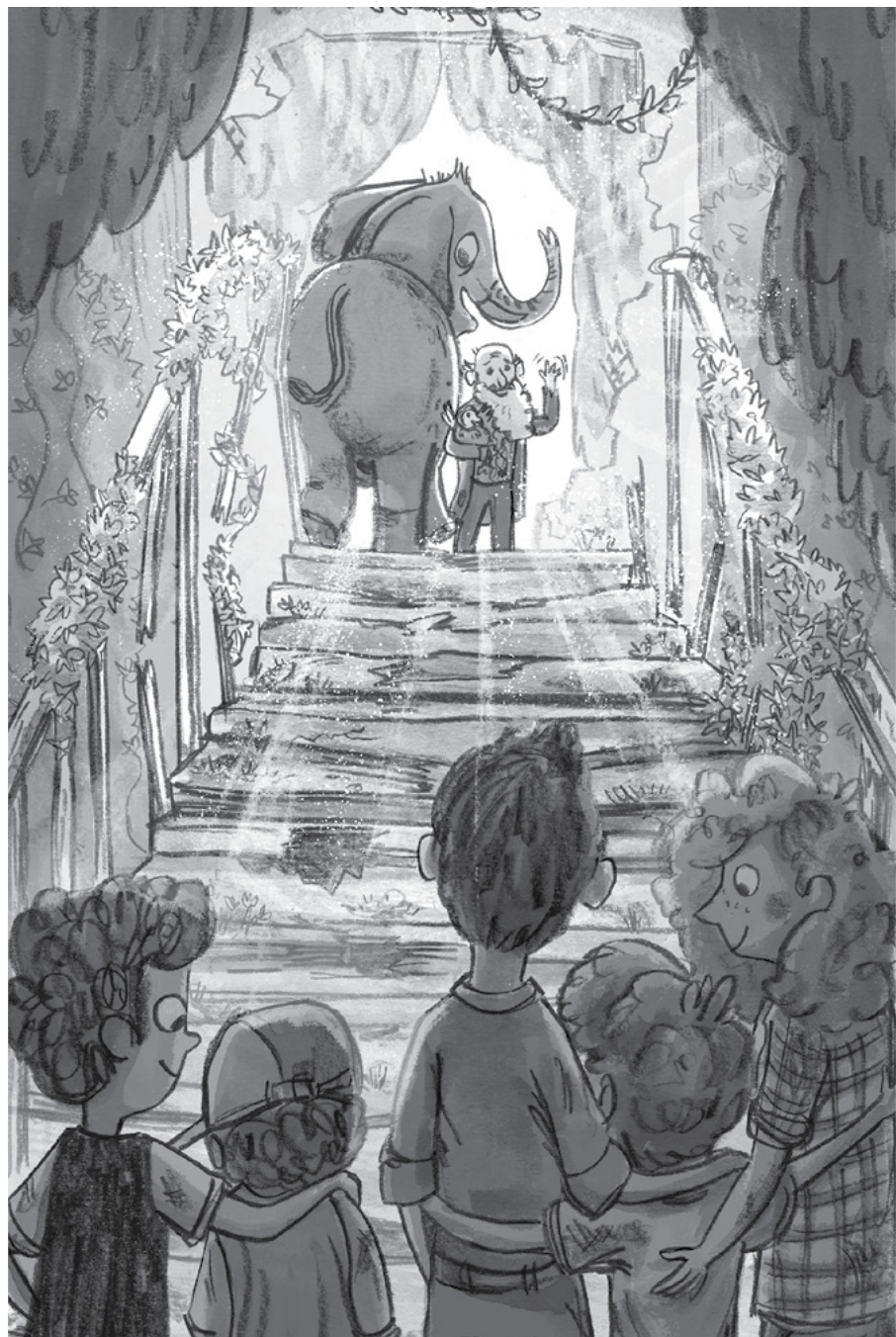
– Prometo – respondeu o velhote, com um aceno de cabeça.

– *Piu!* – fez o *Chico*, olhando para o Raul com verdadeira adoração, enquanto o velhote caminhava até ao portal.

Um curioso brilho prateado emanava agora da casa inteira, em especial da parede dos fundos. Todos os animais já tinham atravessado o portal, exceto o *Jumbo*, que esperava o velho amigo no cimo das escadas. A luz prateada do outro mundo jorrava do portal como uma torrente de água e, quando o velhote começou a subir os degraus, os outros aproximaram-se para lhe dizer adeus.

Quando chegaram mesmo em frente à luz, o velhote e o *Jumbo* viraram-se para trás. O elefante fez uma vénia com a cabeça e acenou com a tromba, e o velhote atirou um último beijo à filha.

O Zé envolveu a cintura da mãe com um braço, e a do pai com o outro, e ficou a ver a magnífica luz esmorecer devagarinho e o avô, o *Jumbo* e o *Chico* desaparecerem no outro mundo.





BOLO DA MANHÃ

Os Broom e os Buckley caminharam ao longo do beco, em silêncio.

O Zé sorriu ao ver o Bruno pôr o braço em volta dos ombros do Raul.

– És muito corajoso – sussurrou ao irmão.

O Raul lançou-lhe um olhar intrigado.

– De que é que estás a falar?

– Foi precisa muita coragem para nos salvares daqueles guardas horríveis e para entregares o *Chico* sem fazeres fita. Tinhas razão: hoje foste um verdadeiro super-herói.

O Raul franziu o sobrolho ao irmão, certamente à espera da piadinha final, pensou o Zé. Mas até ele conseguia ver que o Bruno estava a ser sincero.

– Obrigado – agradeceu o Raul, com um pequeno sorriso.

O momento foi subitamente interrompido por um grito estridente.

– Raul! Bruno! O que é que fazem fora da cama? Voltem para casa imediatamente! – ralhou a Sra. Buckley. – Onde é que andaram?

O Sr. e a Sra. Buckley vinham a marchar pelo beco em direção ao grupo, com a *Dóris* a correr atrás deles.

– Não calculam o tamanho do sarilho em que se meteram! – acrescentou o Sr. Buckley, num tom severo, enquanto tentava impedir o seu roupão de se abrir. – Estávamos preocupadíssimos!

– Mas pai... – começou o Bruno.

– A vossa mãe ficou num estado lastimoso! – gritou o Sr. Buckley. – Já para casa, os dois!

– Não seja duro com eles – interveio o Sr. Broom. – Aproximou-se de braço dado com a mulher. – Eles foram extraordinários esta noite. Ajudaram o Zé a salvar uns quantos animais em perigo.

Os Buckley olharam para ele, descrentes.

– Sou o Alberto, o vosso vizinho do lado – apresentou-se o Sr. Broom, estendendo a mão ao casal. – E esta é a Ana, a minha mulher – acrescentou, sorrindo à Sra. Broom.

– Ainda não tivemos oportunidade de nos conhecermos – disse a Sra. Broom, parecendo estar a conter uma gargalhada.

– Ah, sim, claro, é um prazer conhecer-vos finalmente – declarou a Sra. Buckley, ainda pouco convencida.

– O Zé falou-me muito dos vossos filhos e de como estão a correr bem os trabalhos de casa das férias – referiu o Sr. Broom, com um sorriso. – São todos ótimos miúdos!

Enquanto os adultos conversavam, os irmãos Buckley foram ter com o Zé.

– Ei, Zé! – sussurrou o Raul. – Nem acredito que a Flor é tua mãe!

– Iá, tens uma mãe espetacular! – disse o Bruno. – Quem me dera que a minha fosse assim!

A Dóris correu ao encontro das três crianças e lambeu a mão do Zé.

– Olá, Dóris! – disse ele, pegando nela ao colo e dando-lhe um abraço. – Tivemos saudades tuas esta noite.

A Dóris abanou a cauda e começou a ladrar sem parar. Foi quando o Zé se apercebeu de que... não entendia uma palavra.

– Os meus poderes desapareceram... – murmurou.

– Nã... deixa-me tentar... – disse o Raul. Deu um salto no ar e aterrou no chão, com um baque. – Oh, ‘tás a gozar!

– Então porque é que a visão noturna continua a funcionar? – perguntou o Bruno.

– Acho que é só o Sol a nascer – disse o Zé, apontando para o horizonte. – É quase de manhã.

– Então voltámos ao normal? – perguntou o Raul.

Entreolharam-se, em silêncio, não sabendo o que dizer.

– Bom, meninos, vamos lá para casa – disse a Sra. Buckley, depois de ela e o marido se despedirem dos Broom.

– Vemo-nos mais tarde, Zé-Barnabé? – perguntou o Bruno.

– Claro! – disse o Zé.

– Anda, Raul! – chamou o Bruno, dando um murro no braço do irmão. – O último a chegar é um *ovo podre*!

Antes que o Raul tivesse hipótese de o alcançar, o Bruno largou a correr pelo beco, gritando por cima do ombro:

– Boa noite, Flor! Quer dizer... senhora Broom!

O Zé não conseguiu evitar um sorriso ao ver os dois irmãos correrem disparados beco fora, com a Dóris a trotar atrás deles, toda contente. Era notório que o Sr. e a Sra. Buckley não sabiam o que pensar de tudo aquilo.

E pronto. «Pelo menos, por agora», pensou o Zé, tocando na pequena chave dourada no seu bolso.

Tudo se aquietara no monte, quando ele se virou para os pais, que sorriam, abraçados. Ao longe, o Sol começava a nascer no céu matutino. Uma suave névoa de luz alaranjada cintilava sobre a linha do horizonte, deixando as nuvens cor-de-rosa, como algodão-doce.

O Zé caminhou em direção aos pais, deu uma mão a cada um e voltaram-se os três para contemplarem juntos o nascer do Sol. Assim permaneceram algum tempo,

até que, finalmente, o Sr. Broom falou.

– Acho melhor não contarmos isto a ninguém – disse.

– Sim, será o nosso segredo – concordou a Sra. Broom, apertando a mão do filho, com um sorriso.

O Zé sorriu também, agarrando com força a mão da mãe, e ficaram mais uns instantes em silêncio.

– Estou faminta! – acabou por dizer a Sra. Broom.

– Eu também! – admitiu o Zé, com a barriga a roncar bem alto.

– Vamos tomar o pequeno-almoço fora! – sugeriu o Sr. Broom

– Já sei! – exclamou a Sra. Broom, fitando o filho, com um brilho no olhar. –

Que tal... uma fatia de bolo?

– Sim! – gritou o Zé.

– Bolo ao *pequeno-almoço*? – riu-se o Sr. Broom. – Bom, porque não?

Com o raiar do dia, os pássaros já chilreavam entre si, mas agora o Zé ouvia apenas o som agradável do seu cântico. As ruas molhadas pela chuva resplandeciam à luz dos primeiros raios de sol, e ele sentiu-se o rapaz mais sortudo do mundo, enquanto descia o monte de mão dada com os pais, a caminho da padaria.



Jack Ryder integrou, aos 16 anos, o elenco da icónica série inglesa *EastEnders*, tendo desempenhado o papel de Jamie Mitchell, durante cinco anos. Prosseguiu a sua carreira no teatro, participando em peças de Alan Bennett, Tim Firth e David Hare, antes de se tornar encenador dos musicais de West End *Calendar Girls* e *The Band*.

Ser escritor para o público mais jovem era um sonho de infância, e *O Verão Secreto do Zé* é o seu livro de estreia, inspirado nas suas férias de verão em criança.

Alice McKinley completou, em 2018, o mestrado em Ilustração Infantil, pela Cambridge School of Arts. É autora e ilustradora do livro álbum *Nine Lives Newton*.